



Sala S.P.

Gab. —

Est. E

Tab. 1

N.º 34

Handwritten text, possibly a signature or initials, in blue ink, located at the top of the page.

METHOD
OF
ERITREAN
CATHOLIC
MEMORIAL

Handwritten text, possibly a signature or initials, in blue ink, located near the bottom of the page.

~~AP~~
~~7~~
10

E
—
1

~~K-10-2085~~

METHODO
DE
SER FELIZ,
OU
CATECISMO
DE MORAL.

METHODS
DE
SER PELLER
DE
CATECISMO
DE MORAL

METHODO
DE
SER FELIZ,
OU
CATECISMO
DE MORAL,

ESPECIALMENTE
PARA USO DA MOCIDADE;

Comprehendendo os deveres do
Homem, e do Cidadão, de qual-
quer Religiaõ, e de qualquer
Naçaõ que seja.

*Versaõ do Francez para o Idioma
Vulgar.*

POR G. E. F.



COIMBRA:

Na Real Impressa da Universidade.
Anno de 1787.

Com Licença da Real Mesa Censoria.



Stafuz de Coimbra

Condo, & compono, que mox de-
promere possim.

Horat. Epist. i.

Por G. E. F.

COLMERA:

Na Real Imprensa da Universidade
Ano de 1827
Com licença da Real Mesa Censura



PREFACIO.

A Sciencia mais util , e a mais indispensavel he sem contradicão , a Sciencia da Moral ; porque ella só he quem pode verdadeiramente fazer o homem feliz. Com tudo , podêmos certamente dizer com Mr. d' A- lembert que he ella a quem se confere menos honra nas nossas Escolas. Naõ obstante ser esta Sciencia hum dos mais importantes objectos com que a razão deve desde logo occupar-se , de- mitte-se ordinariamente para o fim de todas as outras partes da Filosofia , esta Sciencia que se re- duz a algumas paginas , em que naõ obstante se propoem exci-
tar

vi P R E F A C I O.

tar questões vagas, e scholasticas, tão pouco proprias para instruir, como para formar melhor o coração.

Nas modernas Sociedades, podêmos nós ajuntar, achão-se regras para todas as ordens de Cidadãos; para o Sacerdote, o Magistrado, o Militar, o Commerciantes, o Artifice, porem tudo para os homens feitos; nada, ou quasi nada para os meninos. Como porem se poderá cuidar em construir o tecto a hum edeficio, antes de lhe lançar os seus alicerces? Os costumes são tão essenciaes á felicidade do homem, como o ar á sua conservação. Deve-se-lhe pois inspirar o gosto delles, quasi com o ar, a fim de que possa principiar a trabalhar muito cedo para a sua felicidade, e para a dos mais homens.

PREFACIO: vii

mens. Bem se sabe qual he sobre a nossa alma a força das verdades, que se lhe gravaraõ na infancia, e nesta idade, os bons principios impressos na memoria, passaõ insensivelmente ao coração.

Hum Catecismo de Moral, para uzo, e á comprehensãõ da mais tenra mocidade, seria pois o meio mais efficaz de talvez multiplicar na Sociedade os homens virtuosos; e os homens virtuosos saõ as mais firmes columnas dos Imperios.

Mas em huma tal Obra, não se trata de subtilizar, de discorrer vagamente, ou de querer dizer couzas novas; porque, de que vale a invenção, aonde se não deve considerar senão a utilidade? Não ha mais de huma Moral, assim como não ha se
naõ

naõ huma verdade: Contentemos-nos pois de apresentar aos meninos as maximas que elles facilmente descobrem no seu coração. Tambem naõ ha necessidade de profuzos tratados da Moral para aprender a fer homem de bem. E se a infancia he a idade em que o sentimento do justo, e do injusto he o mais vivo, porque as paixões, e o interêffe ainda naõ tem escurecido em hum coração tenro a luz natural, quasi que he sufficiente adverti-la de que ha leys que seguir, determinar-lhe o sentido dellas, para a impedir de tomar o falso por verdadeiro.

He por esta causa que esta Obra deveria ser a de hum Filosofo, Mas, como nenhum, ao menos que eu o saiba, ainda a emprehendêo, naõ se animará

PREFACIO. ix

o bom Cidadão a seguir, como se espera, a impulsão do seu zelo? Feliz, se este zelo lhe poder supprir o lugar de talento! Mais feliz, se este ensaio ao menos poder excitar os que melhor sabem fazê-lo, a emprehen- der este trabalho!

Com tudo, como os materi- aes existem, e somente estão dis- persos por diversas partes; não me parecêo impossivel reuni-los. Em consequencia disto se seguia fazer huma eleição, eu dezejo ter acertado.

Naõ mostrarei desta vez senão huma parte da minha empreza. Antes de hir mais longe, he bom que me certifique se aca- zo merecerei ser animado. O pu- blico está muito carregado de livros inuteis, e eu não quero augmentar o numero delles.

Para

Para exercitar commodamente a memoria do Discipulo, puz no fim, a Taboada das Materias em forma de questoes que corresponde as paginas, e regras numeradas que dividem este Catecismo. Empreguei fructuosamente este methodo nas outras Obras, que compuz para a mocidade (a).

P. S. Esta Obra do mesmo modo que eu a publico, tem corrido para hum premio, proposto sobre o mesmo assumpto, por hum particular zeloso do bem publico. Mas como o Programma não declarava sufficientemente as intencões do Dador, nenhuma das Obras remetidas ao concurso lhas satisfizeraõ. Hum novo Programma deo hu-
ma

(a) Elemens de Litterature, 2. vol. Traité de la Sphere &c.

PREFACIO. xi

ma explicação mais circumstanciada do que se exige. Achou-se que o Dador pedia hum Tratado Elementar simplesmente destinado para os rapazes do campo, e sem educação, e para lher explicado por hum Mestre de Eschola. Esta Obra he com effeito pouco conveniente para este fim; pois não tive absolutamente o designio de huma educação popular. Todavia, como ella não obstante poderia servir de continuação ao Tratado Elementar que se pede, ou ser utilmente empregada para outros grãos de idade, e de instrução, eu a offereço aos Pais, aos Mestres, assim como aos Adolescentes; creio igualmente que, a pezar da modestia do titulo, pode ser lida com proveito por qualquer pessoa. Não se
encon-

encontrará nella sennaõ definições simples, e claras, principios incontrastaveis, e de todas as Religioes; huma Moral suave, igualmente apartada de hum rigorismo que amedronta, e de huma relaxação criminosa; obrigações faccis de satisfazer, e ainda mesmo de conciliar com a dissipação do grande mundo. A mesma extensaõ da Obra he relativa, e proporcionada ás disposições, e ao gosto das pessoas a quem a vista de hum volumoso livro causa tonturas, e que estão habituadas a não lerem sennaõ por compendios.





CATECISMO DE MORAL

NOÇÕES PRELIMINARES.



PARA a perfeita intelligencia dos deveres, que a Moral prescreve ao homem, e antes de os particularizar, devemos explicar alguns termos, que são como os seus fundamentos, e principios. Saibamos pois logo se o homem, por sua natureza, está obrigado a satisfazer obrigações. Veremos depois disto qual he o fundamento da Moral.

A

I:

I.

Do homem, e das suas faculdades.

I **O** Homem he hum animal dotado de intelligencia, e de razão ; ou o que com pouca differença vem a ser o mesmo, he composto de hum corpo, e de huma alma.

As acções do homem são pois ou espirituaes, ou corporaes, ou mixtas, isto he, em que a alma, e o corpo tem mais ou menos igualmente parte. As acções que dependem da alma, chamaõ-se *acções humanas* ; todas as mais são acções puramente *fizicas* : tais são, por exemplo, todas as precisões naturaes.

A alma he por consequencia o principio das acções humanas. Mas, cumpre saber como ella influe sobre ellas ; de outra maneira ; he necessario conhecer as faculdades,
ou

ou os podêres que lhe pertencem :
as suas principaes faculdades são
o entendimento, a vontade, e a
liberdade.

2 O Entendimento he a facul-
dade da alma, por meio da qual
ella conhece as cousas, se forma
idéas, julga, e raciocina a res-
peito dellas, para chegar ao co-
nhecimento da *verdade*.

Devemos entender na Moral, pelo
vocabulo verdade, ideas conformes
á natureza, ao estado das couzas, e á
relação que ellas tem entre si. A
perfeição do entendimento consis-
te pois no conhecimento da ver-
dade, como o fim para que he des-
tinado, e por huma consequencia
não menos necessaria, tem na ver-
dade toda a força que ha mister
para chegar ao conhecimento da
verdade, principalmente no que
interessa as suas obrigações, com
tanto que lhe applique os cuida-
dos, e a attenção necessaria.

3 A verdade he opposta ao

erro, o qual he a não conformidade das nossas ideas com a natureza, e estado das cousas. O erro vem muitas vezes das preoccupações, que são juizos precipitados, e destituídos de experiencia, e de exame.

4 A vontade he a faculdade da alma, pela qual se determina de si mesmo a exercer huma acção, ou a não a fazer; entre muitos objectos que se lhe offerecem, a escolher hum, e a rejeitar outro; e tudo isto com o fito na sua *felicidade*.

5 Por felicidade, deve-se entender aquella satisfação da alma, que nasce da posse de hum bem. O objecto da vontade he por conseguinte o bem, e se muitas vezes formâmos idéa falsa do bem, he que por falta de sabermos usar da nossa razão, cahimos no erro.

6 Em fim, a liberdade he a faculdade pela qual a alma pode, em certos cazos, suspender as suas
de-

determinações, ou as suas acções; ou também virá-las para a parte que lhe praz, sem mais nenhum motivo do que a sua satisfação. He preciso absolutamente admittir esta liberdade; porque, se o homem não fosse livre, toda a idéa do mal se reduziria a hum mal físico, assim como são a enfermidade, a dôr &c. e o homem não obstante commeter qualquer crime, não seria culpavel, nem condemnavel. Alem disto, a existencia da liberdade he huma verdade de sentimento intimo, e he bastante, sem nos confundirmos em discursos para a estabelecer, chamar o testemunho universal dos homens. Qual he o desgraçado que estando perto de acabar a vida pelos seus delictos, intenta ja mais justificar-se delles, querendo provar aos seus Juizes que huma necessidade inevitavel o arrastou ao crime?

A liberdade não consiste com
tu-

tudo em fazer o que se quer, porque nenhum homem seria verdadeiramente livre, pois todos são fracos, dependentes das cousas, da dura necessidade. Aquelle que melhor sabe querer tudo o que ella ordena, he que he o mais livre, porque, nunca jamais he constringido a fazer o que não quer.

A liberdade approvada pela razão de fazer, ou de omittir huma acção, se denomina commummente *direito*. Ha *direito perfeito*, que se pode exigir; e *direito imperfecto* que não se pode exigir rigorosamente: por exemplo, eu posso defender contra todo o aggressor injusto, o direito que tenho á minha vida, aos meos bens: eisahi o direito perfeito. Mas ainda que eu tenha direito de exigir soccorros dos meos semelhantes, quando estou em necessidade, não posso obrigar ninguem a me servir: eisahi o direito imperfecto.

7 As acções livres do homem
se

se chamaõ *costumes*, quando se consideraõ como susceptiveis, de regras, e da hi procede que se denomine *Moral* a disciplina que nos ensina as regras, e os meios de lhe conformar as nossas acçoës. A moralidade das acçoës he immudavel, porque o homem não se pode determinar a fazer o que conhece que lhe não convêm. Ella não depende do juizo deste ou d'aquele, consequentemente toda a acção tem huma bondade ou huma pravidade que lhe he essencial.

Estas tres faculdades da alma, o Entendimento, a Vontade, a Liberdade, devem ser reguladas pela razão.

8 Não se pode definir melhor a razão do que dizendo que he a faculdade que reúne todas as outras, serve á alma para perceber as cousas, para se formar idéas dellas, para se determinar, ou suspender as suas determinações, com o fim de chegar ao conhecimento da

da verdade, e por consequencia á verdadeira felicidade. Não he pois fenaõ reconhecendo a natureza das cousas, as relações, que entre si tem, e as que ellas tem com nós, que nós podêmos fazer huma escõlha, isto he, descobrir a conveniencia ou descordancia, que ellas tem realmente com a nossa felicidade. Ora, ahi temos a sciencia da moral, que he a de nos fornecer hum meio seguro para chegarmos a este conhecimento.

9 Os meios que ella nos subministra rezultaõ da *ley*, que se pode definir pela regra das nossas acçoës.

A *Ley* he taõ antiga como a natureza humana, pois tem por objecto conduzir os *seres* livres, e racionaes. Consequentemente he certo que alguma cousa houve de justo, e injusto, assim que houve acçoës humanas. Pelo que, he a *ley* que verdadeiramente decidio da moralidade das nossas acçoës

ções, e he neste sentido que se póde dizer que pela ley entrou o peccado no mundo; porque o justo, e o injusto são idéas abstractas, que não se podem realizar senão combinando-as com huma acção humana.

Quando huma Ley nos obriga a fazer huma acção, se lhe chama *Preceptiva*; e *Prohibitiva* quando nos obriga a omittir huma acção. As acções, que a ley ordena, chamaõ-se relativamente á Ley *Preceitos*, e relativamente ao homem *Deveres*, ou obrigações.

10 Estes deveres tem diferentes denominações que os distinguem. Chama-se obrigação *moral* a acção, cuja razão porque convêm ao homem executa-la, se acha na sua felicidade, isto he, em que a sua felicidade he interessada. Chamaõ-se deveres *civis* os que convêm fazer porque o Soberano, ou a Sociedade o orde-

ordena. A felicidade tambem he nisto interessada ; mas secundaria-mente , e só em respeito á pena que seguiria a transgressão. Os primeiros podem igualmente ter o nome de deveres *Abolutos* , e os segundos , *Relativos*.

II Ha muitas fortes de leys. Aqui não distinguimos mais do que duas especies em geral ; as leys escriptas , e não escriptas. As Leys escriptas são aquellas , cuja observancia he de tal forte necessaria á conservação da sociedade , que se estabeleceraõ castigos para os que as violassem. Chama-se *crime* toda a acção que se encaminha a violar as Leys escriptas.

As Leys não escriptas são aquellas , a cuja infracção se não tem ligado castigos , porque , esta infracção não produz huma perturbação tão notavel na sociedade , como a infracção das leys escriptas. A infracção das leys não escriptas se chama *falta* , *Eraque-*

za segundo o gráo de consentimento que se lhe tem concedido, e a enormidade da transgressão; e se denomina *Vicio* o sentimento habitual que nos leva á violação das leys não escriptas. A observação das leys escriptas he o que se chama *Probidade*. De outra sorte; he a exacta observação do que as leys exigem, do que os costumes recommendão, isto he, a pratica dos modos de viver uzuaes com os nossos semelhantes, do que a consciencia inspira, e que se acha incluído neste axioma muito pouco desenvolvido: *Não façais a outro, o que não gostais que se vos faça.*

A pratica das Leys não escriptas he o que se chama *Virtude*. A virtude pois he superior á probidade, porque exige que se faça o bem. A sua maxima he: *Fazei ao outro o que vós dezejariéis que se vos fizesse.* A probidade proíbe, e a virtude orde-

dena. O homem de probidade conduz-se por educação, por habito, por interesse, ou por temor: o homem virtuoso obra por bondade. A probidade forma o homem honrado, e a virtude o homem de bem.

A probidade segue a *Justiça* que he a obrigação de dar a cada hum o que elle tem direito de exigir; e a virtude observa a *equidade*, que consiste em dar a cada hum, não somente o que se lhe deve por direito perfeito, isto he, o que elle pode exigir, mas ainda o que se lhe deve por direito imperfeito; isto he, o que elle não pode exigir rigorosamente. Ora, como hum *ser* conduzido a satisfazer as suas obrigações imperfeitas, deve ser reputado como querendo satisfazer ainda mais aos seus deveres perfeitos, segue-se que o homem arrazoado, sobrealça o homem *Justo*. A pratica da virtu-

tu-

tude, e da equidade he propriamente o objecto da Moral; porque a violação das leys escriptas da sociedade, considera mais directamente a justiça humana. A virtude, e a equidade seguem mais as leys *Naturaes*; e a justiça as leys *civís*, e *pozitivas*.

As Leys civís obrigaõ como as da natureza, ás quaes ellas devem fervir de commentario, e de interpretação. Ellas não obrigaõ senão como leys de Policia; mas as leys de policia obrigaõ todos os membros de hum Estado: porque, pela ley natural, o Legislador tem a faculdade de estabelecer o que he util á sociedade.

12 A Collecção das Leys naturaes, que se nomea tambem *Direito natural*; forma a *Jurisprudencia natural*; isto he, a sciencia dos deveres, que a natureza prescreve, ou das relações, que as acções tem com a felicidade dos entes. Por consequencia

as

as leys naturaes são leys immutaveis. São igualmente universaes, porque o que obriga hum, obriga o outro.

Logo, ellas nenhuma dispensa admittem. Porque a dispensa não he outra cousa senão huma suspensão do effeito da ley, e sendo a ley da natureza o resultado necessario da essencia do homem, deve necessariamente ter o seu effeito. E he a differença que ha entre a ley natural, e as leys positivas, (a) ainda mesmo divinas, que podem admittir huma dispensa, e abolirem-se, segundo as circumstancias, não sendo feitas senão para hum certo povo, ou para hum certo tempo, ou para hum certo lugar: vindo a mudar estes objectos, e o seu fim, as leys que
fe

(a) Por leys positivas devemos entender as que tem sido declaradas, e promulgadas, em termos claros, e determinados: Ellas são divinas ou humanas, segundo tem Deos, ou os homens por authores.

Se lhes reportaõ devem necessariamente tambem mudar, e ainda mesmo abolirem-se inteiramente, segundo a necessidade dos casos, como succedeo ácerca da ley ceremonial, e civil dos Judeos. He por esta razaõ que tambem se denomina *Jurisprudencia universal* a sciencia das nossas obrigações absolutas, e *Direito universal* a collecção das leys naturaes.

A sciencia dos devêres que a sociedade impoem, chama-se *Jurisprudencia humana*, ou *civil*; e o aggregado destes deveres forma o *Direito das Nações*, o *Direito civil*, a *uzança* &c. segundo a differença dos objectos das leys, de quem estes diferentes direitos são a collecção.

Mas, para que as leys, quaesquer que ellas sejaõ, obriguem, he necessario que sejaõ conhecidas, e este conhecimento se chama *consciencia*.

13 A Consciencia tem lugar, quan-

quando a razão instruída da ley, nos faz conhecer se as nossas acções são, ou não conformes á ley. Quando a acção, que se effectuou he opposta a ley, della rezulta o *Remorso*, que he huma inquietação provinda da transgressão da ley. Não ha mister examinar se a consciencia he, ou não he hum sentimento nascido com nosco; ella se aperfeiçoa certamente pela razão: mas os espiritos mais limitados sempre tem assaz conhecimento para discernir o justo, e o injusto.

A fatal tempestade dos nossos ardentes desejos depozi-ta no mais intimo dos nossos corações a regra, e a moral; he huma origem pura; em vão nos seus canais os contagiosos ventos tem perturbado as aguas: hum estranho lodo, borbulhando em vão á superficie, traz hum limo que o altera; o homem

ma-

o mais justo, e o mais civilizado, se contempla facilmente nelle quando ja tem passado a tormenta.

II.

Divizaõ e fundamento da Moral.

14. Devemos distinguir duas especies de Moral: a Moral da Razaõ, e a da Religiaõ. A primeira se limita ao que nos inspira a boa razaõ sobre as conexões, que temos com os nossos semelhantes. A segunda se tira do que a revelação nos ensinou a este respeito, e ácerca de Deos.

15. Frequentemente se tem confundido estas duas Moraes; com tudo, esta distincão está sobre maneira autorizada. Porque se o conhecimento da Moral da razaõ suppozesse necessariamente a da Moral da Religiaõ, seguir-se-hia, o que he absolutamente falso,

fo, que os Pagaões nenhuma idéa teriaõ tido da virtude, esses mesmos, que reduziaõ a sua moral a conhecer o que deviaõ fazer para se constituirem verdadeiramente felizes nesta vida. Porque, os que de entre elles, pelas suas reflexoẽs, se elevavaõ até huma Intelligencia supréma, Governadora do Universo, cheios de admiração que se concebe naturalmente para as grandes cousas, não lhes parecia que deviaõ honrar o primeiro dos entes, senão pelas suas boas acçoens para com os seus semelhantes. E que outro motivo podiaõ elles ter, quando a immortalidade da alma, supposta por hum pequeno numero, não fôra sempre fundamentalmente para elles, senão huma verdade provavel, que lhe parecia pouco importante? Esta distincão provada, principiaremos pois pela Moral da Razaõ.

16 Mas de que principio deduzire-

duziremos nós os deveres que ella prescreve? Abrâmos o coração do homem. A observação mais tenaz, a mais constante, a mais uniforme, testemunha em cada hum o amor de si. Ninguem ha, que, por pouco que tenha reflectido de boa fé, não concorde em que elle se considera logo em todas as cousas, e que nos maiores sacrificios nunca se perde de vista. As sublimes dedicações dos Cidadãos que se offerecerão voluntariamente á morte, partia deste mesmo principio. Sem duvida que, a alma destes homens generozos, infinitamente exaltada, lançava-se arrebatadamente ao por vir, reunia em hum ponto os seculos futuros, ouvia os elogios da posteridade, e gozava delles. O mesmo Jesus Christo, fez do amor de si, a regra do amor, que nós devemos aos mais homens.

17 Mas, devemos-nos acautelhar muito de confundir este amor

de si com o Amor proprio , ou
o Egoismo , taõ commum dos nos-
sos dias. O Egoismo concentra ca-
da homem em si mesmo , apre-
zentalhe os seus similhantes co-
mo destinados para formarem a sua
felicidade , sem estar obrigado a
trabalhar quando lhe compete pa-
ra a sua delles; dezejaria sujeita-
los aos seus caprichos; naõ re-
corre a elles tenaõ quando o seu
interesse o requer; e por conse-
guinte naõ busca mais do que il-
ludi-los , ou subornalos; em hu-
ma palavra , dissolve todos os vin-
culos mais suaves que sustentao
os humanos unidos entre si , e se
retira do resto do universo. Hum
tal amor naõ he pois proprio se-
naõ para formar destros velhacos,
ou intrepididos dezalmados. A ou-
tra inclinacão , pelo contrario ,
que nõs chamamos o Amõr de si ,
he o manancial de todas as vir-
tudes , e donde dimanão regras de
proceder, que devem dirijir ainda

O mesmo homem, que tivesse a desventura de succudir o jugo salutifero da Religiaõ : estende-se a tudo o que pode formar a nossa felicidade. Ora, a experiencia de todas as idades, e de todos os homens testemunhaõ que nõs somos felizes quando somos uteis aos nossos semelhantes. Eu me reporto a qualquer homem que exerceo huma acçaõ boa. Que o sentimento de benevolencia seja a impressaõ do Creador, ou o effeito da nossa situaçaõ actual na sociedade, de que vale? Logo que está estabelecido, como verdade de facto, que nõs somos verdadeira, e solidamente felizes, senaõ fazendo-nos uteis aos outros homens, temos por ventura outro partido que abraçar, senaõ o de seguir esta doce inclinaçaõ, e obrar com os nossos semelhantes como com amigos? O homem deste modo virtuozo, diz Plataõ, possuio o capacete de Plutaõ, e

o

o anel de Giges, (hum o punha invizivel aos Deozes, o outro aos homens) hum semelhante homem naõ seria tentado de fazer mal: por que conhece que trabalharia para a sua desgraça.

E naõ se diga que hum homem sacrificará ao furor da sua paixãõ huma tal virtude; por que eu responderei simplesmente, que com effeito esta Moral naõ he para nescios, nem para freneticos, que he affas que ella possa dirijir homens prudentes, pois a fóra dito vemos que os motivos religiosos, tais como o temor de hum Deos, da eternidade &c. naõ fervem de barreira ao arrebatamento das paixoẽs. Naõ com tudo, naõ desprezemos estes motivos. A crença de hum Deos, e de huma vida futura, naõ pode senaõ dar maior pezo ás leis naturaes. Ella só lhe pode dar huma sançaõ propriamente assim chamada. Toda a lei, diz com pouca

ca differença Montesquieu, he sempre hum fraco reparo, se não he protegida pela da Religiaõ. Depois de haver estabelecido como o homem deve obrar, e cogitar para ser feliz neste mundo, estenderemos nossas vistas mais longe, e falaremos das suas correlações com o seu Creador. Esta nova consideração nos dará lugar de concluir que a Religiaõ Chriftã nada comprehende que não seja digno de Deos, e do homem, e que o Evangelho, e os preceitos evangelicos estão tanto acima da Filozofia, e dos preceitos Filozoficos, quanto a eternidade está acima do tempo.



PRIMEIRA PARTE.

Moral da Razaõ.

18 **P**osto , e provado este principio , q̃ o homem se ama necessariamente ; que o effeito deste amor se derrâma sobre os seus semelhantes , ou todavia que não ha mais de que huma benevolencia geral para todos os homens , vejâmos quaes são os deveres , q̃ a sua felicidade lhe prescreve , 1. respectivamente a si mesmo ; 2. relativamente aos mais homens. Como porem estes deveres variaõ segundo os diferentes *estados* em que se acha o homem , primeiro que tudo digâmos delles alguma couza.

19 Os diferentes estados do homem não são outra couza mais do que a situação em que se acha em

em respeito aos entes que o rodeiaõ, e as relações que lhe resultaaõ.

Podemos distinguir os diferentes estados em Estados *Primitivos*, e *Originarios*, e em Estados *Accessorios*, ou *Adventicios*.

Os Estados *Primitivos*, e *originarios* são aquelles em que o homem se acha disposto pela mão do mesmo Deos. Tal he logo o estado da dependencia absoluta por comparação a este primeiro *ser* de quem o homem obtem a vida, a razaõ, e todas as suas commodidades. O Estado de sociedade he outro estado primitivo; porque, collocados os homens sobre esta terra, não poderiaõ abster-se do auxilio huns dos outros. Pelo que, a *Sociedade* he a uniaõ de muitas pessoas para seu proveito commum. Os Estados *Accessorios*, e *Adventicios* são aquelles em que o homem se acha posto por sua propria eleiçaõ, ou em consequen-

cia

cia de algum estabelecimento humano. Tal he, por exemplo, o estado da familia, que comprehende muitas relações particulares, como as de marido, de mulher, de pai, de filho, de irmão &c. Tal he ainda o Estado civil, ou de sociedade *Civil* differente da sociedade Primitiva em que a liberdade, e a igualdade distinguem esta, e em que a subordinação he a alma da primeira, como se vê por todos os Governos que se conhecem no mundo.

A propriedade dos bens forma outro Estado *Accessorio, e Adventicio* do homem; porque suppoem necessariamente alguma acção, alguma convenção humana.

Nòs suppomos conhecida, e provada a lei da propriedade, pois considerâmos o homem em sociedade, e porque o homem incommunicavel * he unicamente hum ser imaginario. O latrocínio he

* ou solitario.

he na realidade hum crime verdadeiramente digno de castigo ; porque perturba a paz , e a segurança publica , e particular. O *Teu* , e o *Meu* se derivaõ de huma lei não menos sagrada , ainda que de Policia , que as primeiras leis naturaes , como antecedentemente o temos feito ver.

Deste numero são igualmente os diferentes empregos no Governo , e os negocios publicos , como os Ministros, os Principes, os Magistrados, os Generaes do Exército , os Officiaes , os Soldados , e os Ministros da Religiaõ , &c. Tais são tambem as diferentes Artes , e Profissoes , a Navegaçaõ , o Commercio , e todos os Estados que dependem destas cousas.

Bem se conhece que seria exceder os limites que o plâno desta Obra nos impoem , querer circumstanciar , como deveria ser , todas as obrigaçoës relativas a cada hum dos Estados que vimos de nomear ,

mear, e aos que temos omitido. O Titulo manifesta claramente que além das noções geraes que aqui damos, e de mais disto applicaveis em todas as circumstancias da vida, quando o homem entra no mundo, deve fazer hum estudo particular das obrigações que lhe prescreve o estado que elle quer abraçar, das novas relações que contrata, e ver a moral nas suas analogias mais extensas. Este trabalho tem sido completo de hum modo satisfatorio por muitos celebres Escriptores que será necessario consultar quando for tempo.

ARTIGO PRIMEIRO.

Deveres do homem a respeito de si mesmo.

20 **N**ós vimos de dizer que o homem, em qualquer estado que se ache, nada deve executar senão para a sua felicidade. Repitâmo-lo outra vez, esta he huma das verdades, cuja prova acha cada hum interiormente em si mesmo.

21 A primeira consequencia, que rezulta deste principio, he que o homem deve trabalhar para a sua conservação, e evitar tudo, o que lhe poderia ser nocivo. Esta obrigação he sem duvida a primeira; por que ficaria sendo sobre modo inutil que se lhe prescrevesse outros deveres, quando não tivesse anticipadamente dado providencia á sua conservação.

Daqui se segue q̄ convem conservar,

servar , e augmentar quanto he
possivel ás forças naturaes do cor-
po , por alimentos , e exercicios
convenientes , e não as debilitar ,
e arruinar pelo excesso do co-
mer , e do beber , por trabalhos
fòra do tempo , ou por qualquer
outra maneira de intemperança.

22 Hum segundo devêr do ho-
mem relativamente a si mesmo ,
he o cuidado , que deve ter da sua
alma , cuidado tanto maior , quan-
to a alma he a parte mais no-
bre , e a mais excellente do ho-
mem. A cultura da alma , ou da
razaõ , (pois he como fazendo
uzo desta faculdade , que aqui con-
sideramos particularmente a alma)
he de ultima importancia para o
homem , porque , nós o repeti-
mos , não se póde procurar hu-
ma verdadeira felicidade , senão
por meio da razaõ , e a razaõ não
o póde conduzir a este termo ,
senão quando elle tem cuidado
de cultiyar , e de aperfeiçoar as
suas

suas faculdades. Este cuidado da alma, esta cultura da razão consiste em geral em formar o espirito, e o coração.

23 Formar o espirito, he cada hum fazer para si idéas exactas das cousas; e para isto, quaes são os conhecimentos, que se deve ter cuidado de adquirir?

Os nossos conhecimentos são de duas especies, uteis, ou curiozos. Os conhecimentos uteis não podem ter mais de dous objectos, as nossas obrigações, e as nossas necessidades. Os conhecimentos curiozos tem por objecto os nossos prazeres, seja do espirito, ou do corpo.

Os conhecimentos uteis devem ser cultivados segundo o seu differente gráo de utilidade. Primeiro que tudo, vem os conhecimentos de primeira utilidade, que tem por objecto as necessidades, ou os devêres communs a todos os homens. Depois destes vem os
conheci-

conhecimentos, que nos são uteis em respeito á sociedade particular em que vivemos: A saber: o conhecimento das leys desta sociedade, do que a Natureza fornece as nossas precizoões, no paiz que habitâmos, &c. Todos estes conhecimentos devem ser cultivados em huma sociedade civilizada.

○ A respeito dos conhecimentos simplesmente curiosos, cumpre distinguir tambem duas especies. Alguns encaminhaõ-se ao menos indirectamente a conhecimentos uteis; he pois proveitozo, q̃ elles sejaõ cultivados com algum cuidado, especialmente se elles dirijem as suas pesquisas para objectos de utilidade. Outros conhecimentos são de pura recreação, devem-se cultivar com cautéla, temendo, que elles inspirem muito gosto para o deleite; porque este gosto degenera, facilmente em excesso, e em licenciosidade. Esta simples indicação basta para fazer

...
zer

zer ver tanto a obrigação de cada hum se instruir, como o estudo que convem fazer para entrar no mundo. Aqui poremos termo á cerca do espirito.

24.. Formar o coração he regular bem os movimentos da vontade, e conformar as acções á recta razão; em huma palavra, a perfeição da razão consiste em dois habitos, a *Sabedoria*, e a *Virtude*.

A *Sabedoria* he aquelle habito pelo qual a alma, afeita a huma attenção continuada, a hum discernimento solido, a huma raciocinação exacta, adquire o conhecimento das cousas que interessão os seus deveres, e a sua felicidade.

A *Virtude*, seguindo a etymologia do seu nome, se recebe aqui pelo habito que dá a alma sufficiente força para seguir com facilidade os conselhos da sabedoria, e rezistir animozamente a tudo o que a poderia affastar delles.

C

Convem

Convem distinguir diligentemente o bom natural da virtude. Exercer o bem, he a occupação mais aprazivel do homem bem nascido. A sua probidade, a sua beneficencia não são obra dos seus principios, mas sim do seu bom natural. Cede ás suas inclinações praticando a justiça, do mesmo modo que o maligno cede ás suas quando pratica a iniquidade. Contentar o gosto que nos leva a obrar bem, he *Bondade*, porem não virtude.

Como a palavra de virtude significa *Força* não ha virtude sem combate, não ha combate sem victoria. A virtude não consiste somente em ser justo, porem sim em ser triunfante das suas paixões, reinando cada hum sobre o seu proprio coração. Tito, fazendo feliz o povo Romano, derramando graças, e beneficios por todos os lugares, podia não perder hum só dia, e não ser virtu-

OZO;

rompido fenaõ por transportes de raiva, e de blasfêmias. O seu espirito parece alienado, e se não se dissimulassem mutuamente suas furiozas raivas ver-se-hia esganarem-se vilmente por hum pouco de lôdo amarélo.

Eu citei entre outros effeitos da Avareza, esta paixãõ funesta, que talvez seja a que mais defauctoriza o coraçãõ, e o espirito do homem. Ella suffoca as virtudes sociaes, a compaixãõ, a beneficencia: substituelhe inclinaçoẽs infames, e acanhadas, a dureza dos sentimentos, a insensibilidade. Hum jogador que começou por ser parvo, vem logo a ser por seu turno pouco delicado sobre os meios de fixar, ou de corrigir a fortuna. Da-hi nascem as perficias, a má fé, outros muitos crimes que este fernezim arrasta apoz si. No instante em que estou escrevendo isto, de quantas familias, e casas não he o jogo a vergonha

gonha, e o dezaſtre!

Da Ambição.

30 Ha corações infaciaveis de outros bens ſem ſerem as riquezas: ſão os Ambiciozos. O objecto da ſua paixão he muito mais fantaſtico; mas em recompenſa diſto, elles o crem mais nóbre.

Ha duas ſortes de ambição. A primeira inſpira ao homem que ella poſſue o ardente dezejo de chegar a hum lugar elevado; faz-lhe conſiderar eſte dezejo como paixão dos corações grandes, e lhe tira todos os eſcrupulos que podiaõ embarçar o ſeu caminho. He eſte genero de ambição que forma dezhumanos conquiſtadores, que os fazem inimigos dos eſtados vizinhos, e da ſua propria patria, que lhe faz violar o direito das Nações, e a ſantidade dos tratados, que os conſtitue os flagellos dos eſtranhos, e

os tyranos dos seus subditos.

He tambem ella quem forma puzilanimos Magistrados entregues ás paixões dos Grandes : sobre modo fracos para lhes darem conselhos salutiferos, assás injustos para pronunciarem sem discernimento sentenças dictadas pelo dispotismo ; oppressores dos povos de quem deveriaõ ser o refugio.

He todavia ella, quem, no mesmo coração dos Clerigos, dos Cenobitas, e dos Frades derrâma a sêde das honras, que profana com frequencia por indignas adulações, bôcas destinadas para celebrarem as grandezas de Deos ; que transforma em abjectos Cortezaõs os Chefes da Religiaõ.

A ambição arma, e desfecha effectivamente huns contra outros parentes. Nem sempre se ataca com o punhal na mão. Os homens se envolvem em huma infamia

D

mais

mais dolorosa do que a morte: Ella todos os dias atica o archote da discordia entre as pessoas do mesmo sangue, do mesmo nome. O vinculo que os deveria unir, faz mais activo o veneno que os consume, e mais impetuosos os seus furores. Diariamente quebra as mais intimas amizades, emprega a perfidia, a mentira, a traição; suscita processos á innocencia, á boa fé, estratagemas á candidez, inimigos ao orfaõ, ciladas aos fracos, calumnias á probidade. Em fim, não ha males, não ha desgraças que atemorizem os ambiciozos, quando favorecem seus ardentes desejos. O crime não he para elles mais do que hum jogo, a religião hum fantasma, a voz da natureza huma impertinencia.

Espectro paradoxo, porem verdadeiro! Quasi que não ha huma ambição desmezurada, sem que se lhe ajunte huma extrema
baixeza.

baixeza. Cubiçozza da grandeza, sem saber o q̄ he verdadeiramente grande, subroja a ambiçãõ para se elevar, á maneira das serpentes q̄ não saltãõ se não opprimindo a terra com o seu ventre. Mas a mesma elevaçãõ he muitas vezes funesta ao insensato que se cêga com os seus dezejõs.

Milhares de exemplos famosos que seria superfluo citar, não deveriaõ ensinar-nos a limitar nossos dezejõs? Quando se ouvio dizer que a ambiçãõ nos podia produzir a felicidade?

Com tudo, a razãõ permite que gostemos das honras, mas sem as exigir, nem as esperar. A sua posse pode augmentar a nossa felicidade, mas a sua privaçãõ não a deve alterar. He mostrar muita fraqueza fugir as honras com muito ardor; e he dar-lhes hum muito alto preço pertendê-las com cobiça.

As honras são meios que a so-

cidade estabelecêo para procurar o seu commodo: são cargos que suppoem e exigem virtudes, e talentos, mas não os dão. São postos que elevaõ hum homem acima dos seus similhantes, mas que lhe impoem a obrigação de se sacrificar á utilidade do seu descanso, e dos seus mais preciozos interesses. São finalmente occasioes de fazer bem, mas, q̄ expoem a virtude aos maiores perigos. Quaõ difficil he fazer sempre bem, quando se pode fazer mal impunemente! Quaõ difficultozo he rezistir ao attractivo dos prazeres que as honras facilitaõ, e esquecer o interesse particular para não considerar sennaõ o bem publico!

A paixãõ da ambiçaõ, o maior movel das acçoes, e igualmente das virtudes dos homens, tem isto de singular, que quando he moderada, he hum sentimento estimavel, a consequencia,

cia, e a prova da elevação da alma; e que levada a excesso, he o mais odiozo, e o mais funesto de todos os vicios.

A outra sorte de ambição que caracteriza especialmente o homem vaõ, he menos criminoza, porem mais pueril, e mais ridicula. Não se anima a termos de sollicitar a dignidade dos homens qualificados; contentase de affectar os seus modos, e de os copiar como pode.

O Povo está taõ capacitado de que he da dignidade de hum Grande ser vaõ, e arrogante, que, quando hum homem sahido do nada se lhe metêo na cabeça fazer esquecer a sua origem, não lhe parece que o possa fazer melhor do que dando-se a conhecer no mundo por fatuidades. Quão ridiculo não he ajuizar de cada hum pela sublimidade dos seus chapins! A baze não he da estatua, ainda que se fosse de sangue

que nobre, ha por ventura direito de se ser vaidoso de assim nascer? A mesma forte que faz que se nasça formoso, espiritual influe sobre a nossa origem: pelo que, hum homem não tem mais razão de se glorificar da sua nobreza, do que da sua formozura, ou do seu espirito.

Quaes são pois as considerações que o homem deve ter na pesquisa da gloria? A verdadeira gloria consiste na opiniaõ distincta que os outros homens conservão de nós, em consequencia do nosso proprio merecimento, e das acções que motivaõ á sociedade alguma vantagem consideravel. Mas a verdadeira gloria he sempre acompanhada de modestia, e de humanidade. Se devemos pois procurar a estimação dos nossos semelhantes, devemos nos consolar de não a obter, e de achar em nós mesmos a recompensa dos sentimentos honrados,

rados, e das acções virtuozas. Muita indiferença para a opiniaõ dos homens, forma com frequencia homens malvados; muita sensibilidade faz muitos desgraçados.

II.

Da Circunspecção nas Palavras.

31 Saber governar a Lingua he huma sciencia rara, porem util, e necessaria. Ja se está muito instruido nesta arte, nella se faz muito progresso, quando se tem principiado por disciplinar a alma, e se lhe tem regulado os pensamentos, os dezejos, e os sentimentos; por quanto, a lingua he o seu interprete. Não obstante, ainda não está tudo completo: ha certos sentimentos, que, ainda que innocentes em quanto cada hum os reserva em si mesmo, se tornaõ muitas vezes indecentes, e culpaveis se a
boca

boca os divulga. He-me permitido conhecer que certo homem he hum ridiculo; mas eu sou culpado se o chego a publicar. Circunstanciemos os defeitos particulares da lingua.

[*Da Maledicencia.*

32 Macular a reputação de al-
guem publicando huma falta que
commetêo , ou descobrindo os
seus vicios , he de si mesmo hu-
ma cousa indifferente. He per-
mittido , e certas vezes necessa-
rio , quando resulta hum bem pa-
ra a pessôa que se accusa , ou pa-
ra aquella em cuja presença se
manifesta. Obra-se excellentemen-
te em informar hum pai dos mo-
dos de proceder de hum filho
libertino ; o Estado , ou o Prin-
cipe dos projectos temerarios
de hum vassallo sedicioso ; o mes-
mo Publico , das maldades que
esconde á noticia dos homens hum
arrisca-

arriscado hypocrita , especialmente , quando sem fruto se tem procurado corrigir os culpados com fraternaes admoestações. Hũ similhante procedimento não he absolutamente dizer mal.

Entende-se commummente por maledicencia huma fatyra maligna , desfechada contra hum auzente , com o unico intento de o dezacreditar , e envilecer. Pode-se estender este vocabulo aos libellos diffamatorios, maledicencias tanto mais criminosas , quanto mais forte , e mais duravel impressão fazem. Todavia , entre os povos civilizados tem-se feito delles hum crime de Estado , que se castiga severamente.

Os maldizentes são a peste da Sociedade que elles poem em confusão : não se poderia desconfiar muito delles. Não vos pareça que lhe escapais grangeando a sua benevolencia , e amizade ; elles não conhecem os modos de attra-

attrahir vontades. Assim tambem, quereis vós saber o que se vai dizer de vós? ouvi como se falla dos outros na vossa presença, e estai certo de que não haverá mais indulgencia para com vósco. Não devemos confundir a Maledicencia com a Calumnia, que inventa o mal que pública. Com tudo, ella muitas vezes damnifica menos com as suas atrocidades, do que a maledicencia que descarrega sempre sobre a verdade, e que por consequencia não he tão facil de desfizer-se.

A indulgencia he opposta á maledicencia, he huma bondade da alma que nos encaminha a desculpar as inadvertencias de outro, a tolerar os seus defeitos, a perdoar os seus êrros, ou as suas offensas. Ah! Qual de nós não carece de indulgencia? Quantos crimes commete o homem mais justo; quantas imperfeições ainda no homem mais perfeito! Descul-

culpemos nos mais todas as faltas em que o coração não tem parte, tudo o que não he precisamente contra a ordem; cumpre estar bem certo do motivo que faz obrar hum homem, para haver a affoiteza de afirmar que a sua acção he culpavel. Elle muitas vezes não tem outra culpa mais do que te-la feito imprudentemente diante de olhos malignos, ou prevenidos. Que triste prazer, querer descobrir em tudo o lado defeituzo! Huma acção he louvavel, e bella em si mesmo? muito depresta huma voz maligna se esforça para lhe abater o merecimento, attribuindo-a ao amor proprio, ou á vaidade. Ah! Tanto bem se obra ja no-mundo para querer diminuir o seu valor? A tolerancia social he huma virtude essencial á paz, e á felicidade dos individuos; he aquella cujo exercicio he o mais constante, e o

ma-

mais necessario. Não ajuntemos, alegres do coração, as misérias com que a natureza nos tem occultamente enganado, malles que sejaõ obra nossa; nós teremos sempre sem isto muito que soffrer. Não temos mais do que hum só instante que passar sobre esta terra, deixemô-lo correr em paz supportando-nos huns aos outros. Porem muito longe deste espirito de concordia, e de paz, o nosso amor proprio sobre maneira melindroso, quasi que não tem vigor para perdoar a outro o valer mais do que nós. Para se consolar esquadrinha, ou inventa defeitos, e vicios determinadamente, aonde menos existem. Tem-se tambem exactamente observado, que o homem maligno, e viciozo, he o mais intolerante: nenhum defeito perdoa ao homem de bem, cujas accões são a censura do seu procedimento; elle o crimina das
fraque-

fraquezas ânexas á natureza humana, ao mesmo tempo que por seus proprios olhos de nada se peja, *Dat veniam corvis, vexat censura columbas*

Do Chasco, ou Zombaria.

33 A Zombaria offende menos a equidade natural do que a maledicencia, pela rafaõ de que estando presente quem ella ataca, está ordinariamente em estado de se defender. Se ella porem he menos criminosa, muitas vezes he mais offensiva; porque descarrega dois golpes de huma vez, hum sobre a honra, outro no amor proprio. Ella affronta, e faz alterar. O maligno giro que toma, quasi sempre ajunta a afflicção que se experimenta de ser criminado de hum defeito, de hum erro, ou de huma fraqueza; o submisso pezar de não ter repulsado logo o acto irrizorio
por

por huma lembrança mais satyrica: Quasi melhor se estimaria ser desacreditado na auzencia, do que chafqueado na presença.

Com tudo, o chasco não he sempre hum ultraje, nem por consequencia hum crime. Ha zombarias innocentes, que podemos comparar aos relampagos, que não podem queimar.

Se o juizo, e a prudencia andassem sempre de companhia, todo o gracejador seria circunspetto, porque hum chafqueador não he jamais hum estúpido. Muito longe porem de que a especie de engenho que inventa ditos picantes, seja prudente, e reportado, quanto mais vivo, e fecundo he em repentes, tanto tambem de ordinario he mais inconsiderado. Custa tanto a sacrificar huma boa palavra, quanto com pouca differença nos custa vencer o dezejo immoderado de brilhar, ainda que soltando-a se de-

devesse perder hum amigo.

Naõ se prohibe zombar ; isto feria despir muito de graça as conversações ; feria comprazer muito os vicios , e os rediculos. Porem devemos zombar com prudencia. Poupai aquelles a quem a idade , ou o caracter tem posto acima de vòs : he odioza imprudencia chafquear hum homem encanecido , hum Pai , hum Mestre , hum Magistrado.

Metei a saque os que vos são inferiores , se nenhum direito de correcção tivereis sobre elles : a vossa superioridade imprimindo-lhes hum timido respeito vo-los entrega sem defensa.

Se porem vos estão subordinados , o uzo da zombaria naõ vos he prohibido ; muitas vezes he hum meio efficacissimo de os corrigir. A mocidade temeraria falha frequentemente ; mas o amor proprio picado pela ironia , dá sinas de que sente toda a sua amargu-

gura.

He sobre tudo entre os iguaes que a zombaria he permittida; Entaõ he hum jogo innocente de espirito, hum engenhozo combate, com tantõ que os combatentes tenhaõ com pouca differença a mesma valentia; de outra forte, haveria nelle vileza. Porem a zombaria, ainda entre iguaes, deve ser rara, delicada, moderada, e naõ tocar senaõ em fracos defeitos que naõ abraõ huma chaga muito sensivel ao amor proprio. Seria talvez melhor abster inteiramente della, taõ difficultozo he parar nos justos limites. Hum irrizor he sempre hum tanto maligno. Sempre os homens se agradaõ muito de dizerem cousas que humilhaõ aos que cheios de soffrimento os querem ouvir; he hum momento de superioridade que quasi nunca se deixa de senhorear. Taõ caro nos vende a sua estimaçaõ o orgulho

ozo ; elle certamente o foi recambeando Berenice. Quando Bruto obrigava a matar seus filhos traidores á Patria , podia não ser se não justo. Porem Bruto era hum pai maviozo ; para cumprir o seu devêr , despedaçou as suas entrañas , e Bruto foi virtuozo.

He deste duplo manancial , a sabedoria , e a virtude , que dimaná tudo o que o homem deve fazer , ou evitar. Examinêmos pois o que está prescripto ao homem , para a perfeição da sua alma por estes dois habitos.

CAPITULO PRIMEIRO.

Da Sabedoria

25 **A** Sabedoria , para a definir em outros termos equivalentes , e que manifestem de repente huma ordem clara , he aquella prudente circunspecção , que regula os sentimentos , as palavras , e as acções.

I.

Da Circunspecção nos sentimentos.

26 O sentimento não he mais livre do que o pensamento; nasce de ordinario sem que a vontade tenha parte nelle; mas ainda que innocente he sempre perigoso se nos conduz para objectos condemnados pela ley. Devemos temer que renascendo com muita frequencia, ganhe desmezurado imperio sobre a alma, que a occupe inteiramente, e que finalmente a faça distractiva, ou furda aos conselhos da razão. O espirito he muitas vezes o despojo do coração; isto he, sacrificamos muito ordinariamente as nossas obrigações aos nossos gostos.

Os sentimentos do coração sobre que importa vigiar, ou partem do fundo da alma fomenta,
ou

ou são excitados pelos sentidos, ou cauzados por objectos collocados de todo fôra de nós. Na primeira classe estão os sentimentos vaõs, e presumptuosos, origem do orgulho: na segunda, todos os appetites corporaes, fermentos da intemperança: na terceira, todos os objectos a que a preocupação dêo hum preço; tais são as riquezas, as honras, que formaõ com o tempo a avareza, e a ambição. Vejâmos o q a Moral prescreve a respeito destes diversos sentimentos.

Do Orgulho.

27 O Orgulho nasce em nós da idéa muito consideravel que temos formado do nosso pertendido merecimento. Não he pois necessario, para remediar o orgulho, se não cada hum avaliar-se a si mesmo com regularidade, e precizaõ. Mas quaõ difficil he pezar-se

zar-se exactamente quando cada hum tem a balança na sua propria maõ! Para autorizar o seu orgulho se escolhe sempre o unico direito por onde se vale alguma couza, quando cavilozamente se furta do parallelo vinte partes defeituozas pelas quaes se he inferior àquelles a quem cada hum se compara, e se lhes attribuem cem vicios que elles não tem. Hum dos principaes alimentos do orgulho he o louvor, do qual não pode haver affaz desconfiança, por que he quasi sempre dictado pelo interesse, que procura enganar. Todavia Tacito, fallando dos que louvaõ, dizia, *Gens laudatorum pessima*. Com tudo, o que he incomprehensivel, he que milhares de homens gostem de que os lizonjeem de hum merecimento imaginario, e de talentos que elles não possuem. Hum homem, por exemplo, de nascimento obscuro

curo não evita senão com frouxidão, que se falle da nobreza de seus avoêngos. O contrapezo do orgulho he a modestia, que consiste em não nos deixarmos possuir do nosso merecimento de hum modo dezagradavel para aquelles com quem vivemos. Devemos forcejar para nos convencermos de quantas perfeições ainda nos faltaõ para adquirir; de que ainda o mesmo pouco que valemos he a obra da natureza, ou das circumstancias, tanto, e mais do que nossa. Da mesma forte, he impossivel que o homem de merecimento não seja modesto, quando o orgulho cresce em razão inversa.

Dos Appetites do Corpo.

28 Por appetites corporaes se entende os dezejos que excitaõ em nõs as precizoões do corpo, assim como o dezejo de comer,
de

de beber, de descansar &c. São advertencias que nos faz a natureza para a conservação dos nossos corpos, e longe de as combater, he justo satisfazê-las. Tudo o que se concede ao corpo a fóra da sua necessidade, he hum excesso que o destroe. Os mesmos prazeres mais dôces, quando são excessivos, cessão de ser prazeres, e degeneraõ em supplicios, cuja dôr he tanto mais importuna, quantos são mais os remorsos que se lhes ajuntaõ de se haverem procurado. Enferrando-vos porem nos limites da precizaõ, naõ se vos ordena que renunciéis o prazer. O prazer todavia he huma forte de necessidade, he huma especie de intervallo durante o qual o homem respira, e torna a ganhar forças para principiar de novo a soffrer. As sensualidades naõ são perigosas, e naõ effeminaõ-se naõ quando pelo habito, tem degenerado
em

em precizoões. Ellas não podem depravar quem se sabe privar dellas sem tristeza.

Eisahi pois o segredo de impedir o nascimento, ou progresso das paixões desordenadas. Devemos regular com vigilancia, para assim o dizer, aquellas mesmas que parecem innocentes, por que de outra forte cessariaõ logo de o serem constituindo-se immoderadas. Por que aqui he o lugar de o dizer; as paixões reprimidas nos seus justos limites não são más em si mesmas; são pelo contrario boas, uteis, e necessarias. Não são obra nossa, pois que as experimentâmos desde a mais tenra infancia; são dons de Deos, e Deos não pode fazer para as suas creaturas dons inficionados. Não he pois contra a paixão que se deve exclamar, he a razão que está viciada, e as desordens que se lhe imputa não provêm unicamente que da sua deslocação

deslocação ou excesso. Por exemplo. O odio não he criminozo em si mesmo; ha objectos odiosos; porem não aborreçais senão os odiosos, e não se estenda o vosso odio até á vingança. Assim tambem, regulai a indignação, o desprezo, e o desdem. O temor moderado he prudencia; o temor excessivo he puzilanimidade. A colera he huma moção da alma, que a faz capaz de esforços violentos, algumas vezes necessarios, que ella não teria feito sem fer tirada do seu assento. Ella he util a hum bom pai, a huma mãy paciente, a hum superior indulgente, sem o seu soccorro perdoaria muitas faltas que he conveniente castigar. Quando sem razão nos entregâmos a ella, he capricho; quando a deixâmos exaltar, he furor. Segundo estas reflexões, pareceme que não he necessario advertir, que pelo termo de paixões, não entendemos

as affecções viciosas que peccão pelo seu objecto, porque estas devem ser soffocadas sem temporização, mas fomenta os impetos innocentes de hum instincto nascido com nosco, que tem por fim ou apartar de nós o que poderia alterar a nossa felicidade, ou firmar-nos na posse do que a pode aumentar: não devemos cuidar em destruir estas; não devemos mais do que regular-lhe o uzo,

Da Avariza

29 Assim como as mais paixões; o amor das riquezas não he vicio senão pelo seu excesso. Dirijido por huma judiciosa moderação, reduz-se a huma affecção innocente. Sendo o ouro, e a prata, em consequencia de huma convenção geral, a chave do commercio, o instrumento com que nós podemos procurar as cousas necessari-

necessarias á vida , e ás nossas precizoões , não he mais criminozo dezeja-los , do que dezejar as coufas que se adquirem com estes metais. Pode-se peccar por dois excessos , pelo amor immoderado das riquezas , que he a avareza , e pela prodigalidade.

O avarento he aquelle que , pervertendo o uzo do dinheiro , feito para nos remediar as necessidades da vida , estima mais de negar-se a ellas , do que alterar , ou não engrossar hum thesouro que conserva inutil , o que parece o cume da demencia.

O prodigo he hum desesperado a quem excessivas rendas são sempre insufficientes ; que a opulencia empobrece ; que , quanto mais se enriquece , tanto mais propende para a sua ruina , por que os seus dezejos , e a sua despeza excedem sempre a sua fortuna , não obstante que possa fer muito immensa.

Com

Com a prodigalidade fereis generoso por espaço de seis mezes, passados os quaes ja o não podereis fer; com a sabia economia vós fereis generoso toda a vossa vida; mas muitas vezes se acredita ser prudente economico, porque se conserva intacto o capital, e porque, para supprir a despezas frivolas não se emprega mais do que o seu rendimento. Aliviar os desgraçados não parece hum devêr; igualmente se ignora que isto possa ser huma consolação. Diz-se todavia no mundo que he honrar-se com os seus bens, ter huma mesa esplendida, dilatados quartos, moveis de preço, em huma palavra, viver no luxo mais esquadrinhado, sem desordenar a sua fortuna, a tempo que se desconhece a verdadeira utilidade das riquezas, que he a dôce satisfação de poder fazer felizes.

As riquezas são o excesso dos bens

bens da fortuna sobre as necessidades da vida. Que he o que nos ordena a razao tocante aos bens da fortuna? limitar nossas fadigas, e nossos dezejões no que he necessario para satisfazer as verdadeiras necessidades da vida. E se a Providencia nos envia riquezas, derramemo-las no seio dos indigentes: ellas lhe pertencem.

He a paixao da avareza que do mesmo modo se pode reportar a cubica que faz nascer a paixao do jogo. Terrivel flagello para a humanidade, e para a sociedade. Ja nao he hum dezafoço para a gente do mundo, he hum vil trafico de dinheiro, e de interesse. Que horrorozo spectaculo nao he o de hum congresso de jogadores! a perseguiçao interior da cubica de hua parte, a palidez da inveja da outra se manifestaõ nos seus lances. Hum dezinquieto silencio reina entre elles aonde nao he interrompi-

lho do coração humano!

Da Indiscrição.

34 A Indiscrição he hum crime em que a injustiça se ajunta á imprudencia. Revelar o segredo de hum amigo, ou de qualquer outro homem, he dispôr de hum bem de que se não era senhor. Tenha-se ou não prometido não dizer nada, não se está menos obrigado a assim o executar, se a confidencia he tal que o exige de si mesmo: ouvi-la até ao fim, he obrigar-se a não a revelar. Hum fallador, hum nefcio, são incapazes de guardar hum segredo.

Ainda que nos achemos depositarios de hum segredo com outros muitos homens, não estamos menos obrigados a guarda-lo inviolavelmente, ainda mesmo na presença dos outros confidentes. Quando todavia elles tivessem sal-

E lado,

lado, a sua infedilidade não autoriza a vossa. A pessoa de quem vós tendes o segredo, he quem fó tem direito de vos desprender a lingua. A mesma separação de amizade não extingue a obrigação do segredo: nem quem se resgata das suas dividas por se pôr mal com o credor. Devemos, para assim o dizer, dar lugar ao segredo de outrem no escaninho da memoria aonde nunca mais bulâmos; porque o abuzo que se faz delle he tanto mais criminoso, quanto he sempre irremediavel. Como se ha de fazer tornar a entrar nas trevas do mysterio hum segredo huma vez divulgado?

A curiosidade, ou o dezejo de penetrar os segredos dos outros, he tambem huma especie de indiscrição. Este defeito annuncia commummente a falta de juizo.

Dos Discursos Livres.

35 A modestia no discurso he outra qualidade sobre maneira necessaria. Articular expressões sobre materias de que o pejo se pode vexar, encalhar na obscenidade, nada he mais offensivo; e semelhante fallar não pode ser senão a linguagem dos rusticos. No mundo civilizado, hum cynico he hum verdadeiro monstro. Nunca ja mais a demaziada liberdade deve desterrar a prudencia. O pejo he o rrubique da idade tenra: elle dezobriga a innocencia, e dá boa idéa de costumes. Aquelle que se acostuma mui cêdo a não se envergonhar dos seus discursos, está muito perto de não ter pejo das suas acções. Ao diante terei lugar de fallar deste assumpto.

Da Mentira.

36 Mentem os homens todas as vezes que se dá occasião voluntariamente a outro de acreditar por verdade o que se sabe q̄ he falso, ou de acreditar por falso o que se sabe ser verdadeiro. A lingua he hum instrumento por cujo meio as almas se conservaõ unidas, he criminozo quando as serve com infidelidade, bem como o seria hum interprete impostor que fosse aleivozo ao seu ministerio.

Longe de vós essas subtilezas maliciosas, esses equivocos, os subterfugios, essas restricções mentaes, mais proprias para multiplicar as mentiras do que para as fazer evitar.

A Ley natural que quer que a verdade reine em todos os nossos discursos, não exceptuou o cazo em que a nossa sinceridade

de nos podia custar a vida. Mentir he offender a virtude, he tambem ferir a honra. Ora concorda-se geralmente que a honra he preferivel á vida: cumpre por consequencia dizer o mesmo da sinceridade. A moral da maior parte da gente em factos de sinceridade não he rigida: não se obsta a traiçoar a verdade por interêse, ou para haver desculpa, ou para mudar o valor a acção de outro homem. Chama-se a isto mentiras officiosas. Porem, he jamais permittido commeter hum mal, ainda quando para que delle succeda hum bem? A boa intenção serve para justificar as acções indifferentes, porem não autoriza as que são decisivamente más.

Naõ he pois em caso algum permittido mentir; não se está porem obrigado por esta razão a fazer conhecer aos mais o que cada hum pensa. Ha occasiões
em

em que a justiça, e a humanidade pedem que não se manifeste o que se sabe. Pelo que, he permittido entã calar a verdade, e não menos dissimulá-la; isto he, exprimirmos-nos de tal sorte que quem ouve creia huma cousa diversa da verdadeira, ainda no caso de tomar os termos no seu sentido proprio. Hum inimigo me persegue correndo cego de furor sem me conhecer, elle me vê voltar para traz, e me pergunta gritando: tendes visto passar por aqui hum certo homem? Eu respondo, elle não fez senão passar, apressai-vos, e chegareis a elle com muita brevidade. Eu não minto, occulto somente huma verdade que não estou obrigado a descobrir.

Devemos julgar de outra maneira da dissimulação, se quem interroga tem direito de o fazer, não he permittido introduzi-lo no erro, se por exemplo, for o Magistra-

gistrado que inquiria de vós a verdade, com a autoridade do seu cargo.

A excepção de hum pequeno numero de casos, a ingenuidade deve sempre estar collocada sobre os nossos labios. Mas, não nos podemos dispensar de ainda fazer huma reflexão ácerca disto. Devemos-nos resguardar muito de confundir a franqueza que nos obriga a confessar ingenuamente a verdade, todas as vezes que a requerem de nós, com essa extravagancia cinica, que traz consigo hum caracter fogaço de dizer na presença, e sem necessidade cousas desagradaveis, ou asperas. Debaixo do pretexto de querer ser ingenuo, samente se he caprichozo, e incivil. E quando tais grosserias são arriscadas, e sem fundamento, como deve acontecer quasi sempre em semelhantes casos, aonde se falla sem reflexão, e por humor quando a

311
fora

fora disto se tem a louca vaidade de as pronunciar com hum tón magistral, e de oraculo, que nome se merece? Pode-se chamar a isto ser franco, e ter gofio de dizer a verdade? Não he porem de dizer a verdade que se faz caso, he mais frequentemente o de mortificar hum homem honrado, de quem os discursos, e o proceder são a nossa censura, e cujo zelo para os nossos interêlles o empenha algumas vezes a nos dar conselhos faudaveis. He deste modo que sogeitamos ao gráo do nosso capricho, e da nossa paixã, os principios mais sabios, e que huma arma defensiva já não he senã huma arma facinorosa nas mãos de hum furiozo, ou de hum malvado.

Outro modo de enganar he a lizonja, que se pode definir, hum commercio de mentiras fundado sobre o vil interêlles, e sobre a vaidade.

He

He ultrajar os homens exigir delles juramentos para conhecer a verdade, he suppô-los a hum tempo capazes de mentir, e afáz supersticiosos para admittirem differença, entre a mentira e o perjuro. Hum embusteiro não encontra mais difficuldade em perjurar do que em mentir; e o homem veridico, depois dos mais horrorosos juramentos, não pode fallar mais verdade do que o faria affirmando simplesmente. A verdade não he susceptivel de mais, ou de menos.

Opponhâmos á mentira a boa fé, que he inutil definir. Aquelles mesmos que estaõ menos providos della, não a ignoraõ; e não teriaõ pezar de que todos os homens a tivessem, para os enganarem mais a seu salvo. Por que, ninguem he velhaco só pela reputaçã de o ser, he sempre com algum fim de interêsse que se engana.

A boa fé segue a obrigação da sua palavra; não a devemos dar indiscretamente, mas, não nos devemos jamais dispensar de a cumprir. A falta de palavra he a prova de huma alma sem honra, ou quando pouco, de huma inconstancia indigna de perdão. He pois huma obrigação sagrada, que se affimelha á justiça.

III.

Da Circumspecção nas Acções.

37 Nada fazer que comfigo não traga hum caracter distincto de rectidão, e de virtude; não executar senão o que a ley natural permite, ou ordena, e da maneira, e com as restricções que ella prescreve, he em que consiste a circumspecção nas acções. Nós supponmos aqui, que não temos que formar senão corações honrados; e que não temos que
temer,

temer, nem defordens, nem crimes que não ha necessidade de prohibir os latrocinios, os assassinos, nem êstes horrores que confundem a natureza. Preceitos, não reprimirão almas tão desgraçadamente inclinadas; para os cadafalsos, e para as forcas, he o reprimi-los. Não se trata pois aqui mais do que condemnar as acções indecentes, que sem fahirem de hum fundo vicioso, não deixaõ de serem reprehensiveis.

Dos bons Exemplos.

38 Se só Deos tivessemos para testemunha das nossas acções, estando o coração sem criminação, o nosso proceder o estaria igualmente; porque he pelo coração que elle nos julga. Os homens porem não vem senão exterioridades; he pelas nossas acções que julgaõ dos nossos sentimentos; he pelo que lhe re-
por-

postaõ os sentidos que elles nos pezaõ , e nos avaliaõ. Cumpre pois , por *interêsse* , e por *obrigação* não dar lugar voluntariamente a desconfianças. Eu digo por interêsse , porque havendo precisaõ effectivamente do soccorro dos nossos semelhantes , convemnos fazer que elles nos estimem. Digo igualmente por obrigação , porque com effeito a temos de contribuir para a perfeição dos nossos semelhantes por hum procedimento que lhes inspire o gosto do bem.

Naõ he pois bastante ter a virtude no coração , he necessario fazê-la visivel : he preciso que ella derrame sobre todas as nossas acções hum colorido taõ luminoso que não sejaõ equivocadas , nem susceptiveis de interpretações finistras. O exemplo he o meio mais efficaz para fazer amar a virtude. He hum quadro vivente que figura a virtude em

acção, e communica a sua impressão aos que o contemplaõ. Quanto mais elevados estamos, mais fomos obrigados a dar bons exemplos. Quem he que ignora qual seja a influencia da conducta dos superiores sobre a dos inferiores?

Mostrar exteriormente virtudes de que se está totalmente despido, seria *hypocresia* vicio abjecto, e perfido: O maligno he menos perigozo que o que engana com a mascara da virtude: pode-se estar precavido contra o primeiro, em lugar de que he quasi impossivel haver resguardo dos golpes imprevistos do homem que nos engana com mentirofas exterioridades.

Ao bom exemplo he opposto o *escandalo*, que por apparencias conjecturaes, faz interpretar o nosso procedimento para a má parte. O escandalo faz muito mais mal, do que o bom exemplo produz

duz de bem. Quaõ util he con-
temporizar com a fraqueza dos
outros homens, abstando na sua
presença, ainda as acçoës inno-
centes em si mesmas, mas que,
pelas circumstancias, os podem
escandalisar?

Naõ obstante, devemos conce-
der que ha muitas vezes espi-
ritos malignos, como anteceden-
tamente notei, que daõ a conhe-
cer que se apostaõ a descobri-
rem o mal em tudo. De balde
nos lizonjiaria-mos de ter paz com
elles, ainda quando lhes sacrifi-
cassemos os nossos gostos mais in-
nocentes; quanto mais se lhes
concede, mais pedem. Naõ se
escandalizaõ senaõ para se con-
servarem o pretexto de atormen-
tar, e de apurar a paciencia da
pusillanime condescendencia do
homem fraco, e timido. O seu
apparente zêlo para a decencia
naõ encobre mais do que inten-
çoës perfidas, e crueis. Quando
se

se está bem certo da rectidão, e honestidade das acções, e do procedimento, cumpre haver a corágem de cada hum se fazer superior ao escandalo farizaico, sem isto deve haver resolução, e cada hum dispor-se para as perseguições mais obstinadas, e mais esquadrinhadas. He fomite acommetendo-o, ou ao menos não parecendo dar-lhe valor, ou attenção, que se consegue faze-lo parar.

Da Honestidade, ou decencia publica.

39 As excepções que prescreve a ley natural nas acções formão a honestidade publica. Offender a honestidade publica, he faltar ao decòro de huma intima obrigação. Admitti geralmente no numero das acções sobre que conuem estender hum véo impene-travel, todas as que o instincto natu-

natural nos obriga a occultar á publicidade, as que os uzos recebidos prescrevem &c. Seria eu mesmo offender a honestidade publica de que fallo, se quizesse particularizá-las neste lugar.

CAPITULO SEGUNDO.

Da Fortaleza.

40 **S**Eja-me licito dizer-lo ainda esta vez, não se diferta aqui da fortaleza do corpo, não fallâmos senão da que he denominada virtude. A fortaleza de que quero fallar, he aquella nobreza de sentimentos que eleva a alma acima dos temores vulgares, e lhe faz encarar, quando he necessario, o perigo, a dor, e a adversidade. Supportar hum mal que não se poderia estorvar, he *Paciencia*: expor-se voluntariamente a suffrê-lo pelo bem que se lhe hade seguir, he *valor*,

valor, ou animo.

Da Paciencia.

41 Podêmos reduzir a quatro classes as penalidades de que a nossa vida está varada. 1. Os *Malles naturaes*, isto he, aquelles a que a nossa qualidade de homens, e de animaes caducos nos sujeitou. 2. Aquelles de que hum prudente, e virtuozo procedimento nos teria preservado, mas, que são consequencias inseparaveis da imprudencia, ou do vicio: chamaõ-se *castigos*. 3. Aquelles com que a constancia do homem de bem he experimentada: tais são as *Perseguiçõs* que experimenta da parte dos máos. 4. As *Contradicçõs* que continuadamente temos que soffrer pelas diversidades de opinioes, de costumes, e de caracteres dos homens com quem vivemos.

Para todos estes malles a pa-

F

cien-

ciencia he util , e necessaria ; por que faz os tormentos mais leves, menos perigozos , e mais curtos. A impaciencia he mais hum mal que não dá remedio ao de que vos gemeis. Tais são sobre tudo os malles naturaes , elles são inevitaveis. Ai de mim ! começando a viver , principiámos a soffrer. Quem poderia calcular as penalidades a que estâmos sujeitos ? Ellas se reproduzem de todas as formas , ellas se levantão de baixo dos nossos pés. O triste universo não retine senão queixas dos desgraçados , desde o Sceptro até ao encinho. Lamentavel verdade sobre que agora me firmo , pois não poderiamos ficar convencido repentinamente della , para com mais brevidade lhe descobrir o remedio. Provemos todavia que não a temos exagerado.

42 Se , com effeito , o prazer he huma situação em que a alma

ma gosta de se achar, e de que não dezeja fahir, e a afflicção pelo contrario, huma situação em que a alma se desgosta, não se pode ver, sem ficar maravillhado, e atemorizado quaõ raras são as situações em que a alma se deleita. Por quanto, que outra cousa he a vida senaõ hum continuado dezejo de mudar de situação. Ella se passa toda, para assim o dizer, em dezejos. Nós quereríamos anniquilar todo o intervallo de tempo que lhes separa a satisfação: quereríamos muitas vezes dias, mezes, annos inteiros supprimidos, nenhuns bens adquirimos senaõ pagando-os com a nossa vida. Se Deos cumprisse os nossos dezejos, que nos supprimisse todo o tempo que quizessemos que fosse supprimido, o velho se admiraria de ver o pouco tempo que teria vivido: muitas vezes a duração de huma vida seria para

muitos reduzida a algumas horas. He o que quiz experimentar hum Monarca Aziatico. Tinha exactamente marcado todos os momentos felizes de que tinha gozado durante huma vida de mais de sessenta annos, e no fim não contava senão quatorze. Assim pois a não considerar mais do que a duração dos instantes agradaveis, ou dezagradaveis, poucos homens ha que não convenhão em que a sua vida tem sido muito mais repleta destes ultimos momentos, q̃ dos primeiros. Se porem se lhes ajuntar de mais a actividade da sensação de hum instante agradável, comparada com a da sensação contraria, achar-sehia que a motivada pelo desprezar a impulsão ordinariamente acima da que produz o prazer; de que se pode concluir ainda com mais verdade que a somma dos males excede a somma dos bens. E o que faz isto ainda mais desgof-

gostozo, he que o mesmo prazer diminue muito depressa pela duraçãõ, quando pelo contrario a penalidade augmenta; em fim, he que hum prazer não faz sempre esquecer a afflicçãõ, e esta assás frequentemente faz esquecer todo o prazer. E antes de goftar o prazer, quanto mais nos promete a nossa imaginaçãõ do que os nossos sentidos podem abarcar. Destino cruel, mas que prova sem replica a precizaõ de paciencia para supportar os males da natureza.

43 Os que saõ consequencias infalliveis do desmancho de costumes, tais como a ignominia, que huma vileza grangêa, a indigencia, que segue a prodigalidade, a perda das forças, e da faude, que a intemperança produz, saõ castigos das nossas dezordens. Sujeitai-vos pois á pena que não podeis imputar senão a vós mesmo.

Os

Os homens se indignão de ver a virtude perseguida sem razão; mais se estima ver-se vituperado, ainda que innocente: valeria mais ser culpado, e seria hum meio de se mitigar a pena, ajuntar-lhe remorsos? As perseguições são a mais bella homenagem, que o vicio pode render á virtude. Cançarmos-nos de soffrer por ella, he proximarmos-nos do vicio.

Em quanto ás contradicções, a paciencia não he menos necessaria, porque o humor de cada homem he diferente, e seria coufa dezarrezoado que o humor de todos os homens se acomodasse a contento do nosso. Em tudo nos perdoâmos, e em nada desculpamos os outros: quereríamos reformar o genero humano, e só a nós exceptuâmos da reforma. Principiai por fazer a vossa condição flexivel, e experimentareis muito menos contrariedades.

II.

Da Coragem, ou Animo.

44 A Coragem he aquelle vigor da alma com que se faz acções virtuozas, naõ obstante os obstaculos que se encontraõ. Ha duas sortes de coragem, huma pela qual nos chegãmos a vencer; esta he a *Grandeza da alma*, a outra que derriba as barreiras, que se oppoem exteriormente aos nosos designios, he o *Heroismo*.

Da Grandeza da Alma.

45 Eu entendo por Grandeza de alma esse sentimento nobre, que nos mostra o verdadeiro bem, e nos faz propender para elle com ardor. As origens do verdadeiro bem saõ as virtudes, e os talentos, tudo o mais naõ he senaõ luzente canutilho, aparato, a-
dor-

dorno. A virtude nasce do desprezo dos bens transitorios, e os talentos da emulação.

A grandeza da alma não consiste em desprezarmos os nossos proprios interêsses, porem sim, em não voltar os nossos dezejos, senão para bens solidos, e reaes. O Justo não tem menos ardor para a sua felicidade, do que o depravado, mas conhece melhor os meios de a procurar, e os pratica de melhor vontade, sabe que sò a virtude pode bastar para o tornar feliz, e que se outros proveitos contribuem tambem para isto em qualquer cousa, não he senão em quanto ella os acompanha,

46 A' grandeza de alma se encaminha pois o dezinterêsse, o qual nos leva a formar o sacrificio do que nos parece ser util, para merecer a uniaõ dos nossos semelhantes, e ter paz com nosso mesmo, e com os outros homens,

mens, disputando-lhe o menos que he possivel a posse destes bens de convenção, taõ estimados pela cubiça dos humanos. O dezinteresse pode ser considerado como huma das primeiras virtudes moraes. Esta he com effeito a que mais contribue para conservar, e fortificar em nós todas as outras. He tambem aquella que os deshonestos menos conhecem, aquella em que menos crem, aquella em fim que elles temem, ou que mais aborrecem naquelles em quem saõ obrigados a concede-la.

47 A actividade do nosso espirito, a structura dos nossos orgãos, o seu vigor, e a sua mobilidade, e ainda mais que tudo isto, as nossas necessidades sempre renascentes nos advertem que a maõ que nos formou, nos fez para huma vida laboriosa, e exercitada. Ora, o fim para que o Creator nos destina, he sempre

o melhor de todos aquelles para onde nós poderíamos propender. A preguiça, e a effeminação tem arruinado mais temperamentos, do que jamais o fez os trabalhos mais excessivos; e o exercicio moderado, longe de empecer a faude, a poem firme, e a fortifica. Membros de huma Sociedade cujos foccorros nos são necessarios, devemos, para os merecer, tambem nós mesmos servi-la, e servi-la com zêlo. Satisfazer huma obrigação com tibiefa, não he satisfazê-la; e o que se faz com repugnancia, sempre se executa mal. Ha milhares de empregos differentes, que todos concorrem para o bem commum. Elegei entre todos os de que tendes conhecimento, examinai o vosso gosto, consultai a vossa capacidade, e resolvei vos para o estado que mais vos agradar. Deliberada huma vez a vossa escolha, formai hum ponto de honra

ra de vos distinguireis na profusão que tiveres preferido.

48 A emulação parece visinha da Inveja, e da Ambição: não obstante, nenhuma cousa tem de huma, nem de outra. Longe de se entristecer do merecimento de outro, forma delle hum motivo para caminhar para a perfeição com mais velocidade. He a honra, (a) he o amor do devêr quem a excita, e não a sede das grandezas, ou o aguilhão da inveja. Que outro faça tanto ou mais bem do que elle, não se dá por aggravado: de que lhe importa saber por quem se faz o bem, comtanto que elle se effeitue? Se o fim porque obrâmos

(a) A honra he hum modo de pensar, e de sentir com nobreza; he o instincto da virtude, e quem produz a sua coragem. Obra sem fingimento, sem subtilidade; não conhece essa timidez, essa falsa vergonha que suffoca tantas virtudes. He attrahida pelo amor do agradavel, e do bom.

mos no exercicio dos nossos talentos, não fosse outro que o bem publico, e a honra, seriamos inacessiveis á torpe inveja.

Do Heroismo.

49 O Heroismo differe da simples grandeza de alma, em que suppoem virtudes de estrondo, que excitaõ o pasmo, e a admiração. Faz o homem *firme* contra as difficuldades, intrepido nos perigos, e valente nos combates.

50 A firmeza, e a contumacia são muito diversas. A contumacia he huma porfia cega a favor de huma causa injusta, ou inutil: parte ordinariamente de hum espirito rediculo, ou perverso, ou de hum e outro juntamente, que acreditaria manchada a sua gloria, se outra vez voltasse a traz quando o advertiraõ que se dezencaminha.

A Contumacia he o defeito

commum da mocidade, porque he ignorante. Tendo poucas, ou nenhuma idéas comparadas, he presumtuosa, abunda nas idéas dos seus sentidos, absolutamente porque quasi que não tem outras. Falta de experiencia, e de sufficientes luzes para ter aprendido a desconfiar dos seus juizos, de cousa nenhuma duvida. Ajuntai a isto, que a sua paixã he o seu Oraculo, e que ella a confunde com a razaõ. Quando se está preocupado se vê não o que he, mas o que se quer vêr. Não he senão depois de muitas inadvertencias, e erros reconhecidos, que principia a desconfiar que bem se poderia ter enganado, e que vem finalmente a ser mais moderada, e circunspecta. Até esse tempo a vemos por tòm, e por gosto contradizer os homens entendidos, e na tua contumacia caminhar antes de paradoxos para paradoxos, do que confessar ingenuamen-

te o seu êrro. O que a honraria lhe parece vergonhozo, e he deste modo que o amor proprio entretem a sem razaõ. Muitas vezes tambem, ainda que ja livre do êrro, se irrita da affronta que recebera, e por teima, mais estima experimentar outras novas, do que conceder de boa fé, e sujeitar-se.

A firmeza pelo contrario he a resoluçaõ constante de hum homem judiciozo que persiste no seu designio, o qual elle conhece que he justo, e util, a pezar das oppoziçoẽs que encontra, ou dos trabalhos que lhe custa. He a honra, he a virtude, he o amor do bem publico quem inspira a firmeza.

51 A intrepidez he huma forte de firmeza, mas provada pela presença do perigo, das penalidades, e dos soffrimentos. He necessario distingui-la da brutalidade, que com pouca differença

ça produz os mesmos effeitos ,
porem naõ parte do mesmo prin-
cipio.

52 O valor he huma virtude
de grande preço; porque de to-
das , he a que exige maiores sa-
crificios. Sacrificarmos a nossa vi-
da sem temor , e sem hesitar pe-
lo bem publico he o mais subli-
me , e o mais gloriozo esforço
do valor; sacrificá-la porem por
hum leve motivo , he pura te-
meridade , faze-lo por huma cau-
sa injusta he o cume da maldade.

53 O desprezo da vida naõ he
em si mesmo hum merecimento;
pelo contrario , a regra geral he
de dar providencia á sua conser-
vação : este he o instincto da na-
tureza. O unico caso em que se-
ja permittido dispensarmos-nos
desta ley , he quando o dever
nos obriga a algum acto de vir-
tude , que naõ podemos executar
sem a expor , ou sem a perder.
He cousa agradavel que moria-
mos

mos para defender a patria, a honra, ou a consciencia; porem he vergonhozo morrer victima das nossas paixões. Receber a morte com intrepidez, he corage: darmos a morte a nós mesmos he puzilanimidade: não nos matamos, senão para nos livrarmos de hum padecimento, que consideramos como insupportavel. Matamos-nos porque nos cançamos de soffrer. A violencia do remedio a que se rezolve hum homem que soffre, não sendo quando se trata de conservar a sua vida, mais prova o excesso da sua impaciencia do que a grandeza do seu animo. O suicidio he pois tão opposto ao verdadeiro valor, como á ley natural. Esta nos prohibe de matar os nossos semelhantes, ao menos de autoridade privada, com mais forte razão, nos prohibe intentar contra os nossos dias, os quaes não nos pertencem mais que os dos outros homens.

homens.

54 Para não temer a morte, he necessario ter costumes muito puros, ou ser hum desfaimado sobre maneira cego pelo habito do crime. Qual escolherieis vós furiosos duelistas, que vos gloriais de pôr termo, com a espada na mão, ás vossas contendas particulares? he unir a cobardia á fraqueza. Ora a paixão de nos vingarmos de qualquer modo que seja, traz estes dois caracteres: obriga-nos a violar hum dos nossos mais importantes deveres; excitando-nos ao assassino dos nossos semelhantes, que a ley natural nos ordena amar como a nós mesmos; ella céde ao dissabor de hum ultraje, que frequentemente em si mesmo he extremamente supportavel. He ser animoso ceder á impaciencia? Saber soffrer, eis-aqui o verdadeiro animo: este consiste mais em perdoar huma injuria, do que em

G

nos

nos vingarmos della. Para perdoar necessita-se vencer os transportes do nosso enfado. Para nos vingarmos não he necessario mais do que deixarmos-nos levar delles. Hum attentado commetido contra vòs, deve por ventura adquirirvos o direito de commeter hum crime? Para quem deve ser vergonhoso este attentado? He para vòs que nem o tendes provocado, nem merecido? Quão vil, e digna de compaixão he pois a preocupação que quer justificar a vingança!



ARTIGO II.

Dos Devêres do Homem a respeito dos outros homens.

55 **E**M outro lugar observámos que o estado natural dos homens entre si he hum estado de Sociedade. He propriamente huma sociedade de necessidade; porque tudo nos prova, ou ja sejaõ as nossas precizoões, ou as nossas faculdades, e as nossas inclinaçoões, que ser sociavel he hum caracter essencial do homem.

Como he tal a natureza do homem, convêm reconhecer que he de sua obrigação contribuir quanto lhe for possivel para conservar; e aperfeiçoar esta sociedade, fazendo aos outros todo

o bem de que he capaz, con-
tagrando-lhes sentimentos de
amizade, e de benevolencia.
A disposiçaõ, ou a virtude que
nos conduz a praticar estas obri-
gações, se chama *Sociabilidade*.
Este sentimento se estende a to-
dos os homens em geral, e sem
excepção, porque está fundado
nas relações que entre si tem,
em consequencia da sua nature-
za commua.

Quaes são porem as relações
que ligão os homens huns aos
outros, e as obrigações que os
obrigão mutuamente? Cada espe-
cie de uniaõ entre os homens;
segundo he mais ou menos inti-
ma, está comprehendida por hum
gráo de affecção mais ou menos
forte. Chama-se *Amor* a affecção
que nos prende á Patria, que
une juntamente dois esposos, a
que liga o filho a seu pai, ou o
pai a seu filho. Chama-se *Ami-
zade*, a que nasce da nossa pro-
pria

pria escolha. Denomina-se em fim *Humanidade*, a que a simples qualidade de homens nos inspira para os nossos semelhantes.

CAPITULO PRIMEIRO.

Do Amor.

56 O Vocabulo *Amor*, significa geralmente toda a affecção que tem seu principio na natureza, e que nos arrasta, por assim o dizer, a nosso mesmo despeito para o objecto amado.

Nem huma só palavra aqui diremos da inclinação que a natureza dá a hum para outro sexo; sentimento doce, e terrivel, que se póde perguntar se o ser supremo o imprimio nos homens no acto da sua graça, ou da sua colera, que fôrma a felicidade de todos os sêres, e a desventura do homem, que produz algumas vezes o mesmo fenomeno que o defei-



I.

Do Amor da Patria

57 O primeiro degráo do Amor he o da Patria ; porque , como o bem dos particulares se acha no bem publico ; a verdade mais segura para cada hum se fazer feliz , he pois nenhuma cousa executar que possa perturbar o bem publico , mas ao contrario trabalhar quanto lhe for possível em procurálo. Assim , todas as vezes que o bem particular , se achar em opposição com o bem publico , deve o homem entáo apartar-se de tudo o que tem mais estimavel , e sacrificar ao bem commum , e geral á sua propria vida , se for necessario , pois não se pode duvidar que o bem da Sociedade seja huma cousa muito mais consideravel do que o bem de alguns homens em particular.

particular.

O egoísmo, destruidor dos deveres do homem para com a sociedade, forceja por pôr duvidosa esta verdade. Para se dispensar de escolher, e tomar hum estado, se faz cosmopolita, para não ser de algum paiz em particular; ou tambem toma com audacia o nome de Cidadão, sem saber a significação desta palavra, nem quaes são as suas obrigações. Outras vezes encobre os seus intentos pelo auxilio de hum principio judicioso, cujo sentido elle desvia segundo o seu capricho. Não devemos, diz elle, escutar a ambição; e com este bello pretexto não se quer pôr no lugar que a fortuna, o nascimento, ou o talento lhe assignálaõ. Não se pode bem admirar quanto o homem, que busca enganar-se, he engenhoso para justificar os seus menos perdoaveis delirios; que paradoxos inventa,

ta, como desnaturaliza, e altera as maximas mais judiciosas, para as adoptar ao seu systema, e para conservar nos seus juizos lastimosos e erroneos, hum arde sabedoria, e de razão. Infenfato! como se fora ser ambicioso empregar, para servir a nossa patria, todos os meios que nos são possiveis, e que a Sociedade nos offerece! He abuzar muito nesciamente dos termos, e das definições. Porque a consideração, e a fama se fazem valer muito, deixamos perecer os nossos dias na ociosidade, e no descanso; quando o descanso não deve ser senão a recompensa do trabalho. Mas que! he por ventura a fama, e a estimação que devem ser o principal objecto dos nossos cuidados, e dos nossos designios? Não he mais depressa servir os nossos semelhantes? Qualquer que podesse ser a recompensa dos nossos serviços, pare-

ON
COMME

ce-nos que podemos deencarregar-nos-nos a nós de tudo o que a Sociedade fez, e continua a fazer em nosso favor? Assigne-se-me o termo em que se suspendem para a sociedade as obrigações daquelle que a mesma Sociedade obriga continuamente, e eu consignarei o tempo em que he permittido descançarmos, e viver inutil para os outros homens. O homem rico pertende satisfazer a sua divida social fazendo algumas franquezas do que lhe sobra, e não vê que apênas paga assim a divida do homem, em qualquer estado que esteja; que a virtude da humanidade não dispensa ser Cidadão, e que estes são duas obrigações differentes, e igualmente indispensaveis. Eis-ahi pois a commoda desculpa do preguiçozo, que busca paliar a sua inercia, e a sua criminosa inutilidade. Sobrecarrega a terra com seu pe-

zo, e confume foceadamente os fruitos que o trabalho dos outros arranca com tantas fadigas á natureza.

Resumamos. O Amor da Patria inclue os deveres do Cidadão, do vassallo, e do Soberano. Todo o homem que chega a ser membro de huma Sociedade civil, se entrega a esta sociedade com tudo o que pessue, obriga-se a seguir as suas leys, e a concorrer, quanto poder, para a utilidade commua. Logo, todo o Cidadão deve observar fielmente as leys da sua Patria, affestir-lhe com os seus bens, e consagrar-lhe os seus talentos. Quando nos constituimos Membros da Sociedade, deixamos tambem de todo as nossas forças, e a nossa vontade á direcção do Soberano. A sociedade não poderia alcançar o fim para que se forma, se não tivera hum Chefe que dirigisse a força publica para o bem commum.

commum. O Soberano, segundo a ordem, sendo estabelecido para dirigir para o bem commum, as forças, e as vontades particulares do Estado, deve ter a utilidade publica por unico fim.

II.

Do Amor Conjugal.

58 O Amor conjugal he o que mais depressa tem, e deve conservar o imperio mais absoluto sobre o coração. O sagrado vinculo do matrimonio produz em dois esposos huma rigorosa obrigação de se amarem. Que inferno he a vida de dois esposos dezunidos! Para viver feliz debaixo do jugo do hyminêo não vos affeiçoeis a elle sem ferêis amado. Formai corpo a este amor, firmando-o na virtude. Se elle não tiver outro objecto mais do que a for-

commumozu-

mozura , as graças , e a mocidade , tão fragil como todos estes proveitos tranſitorios , muito depreſſa dezapareceria como elles: quando porem elle eſtá pegado ás qualidades do coração, e do eſpirito , eſtá á prova do tempo. Para adquirir o direito de que vos amem , trabalhai por merecê-lo. Sêde tão attento em agradecer , tão cuidadozo em não offender ao fim de vinte annos , como ſe fora o primeiro instante em que vos deliberaiſeis a fazer goſtar o voſſo amor. Tanto ſe ganha em conſervar hum coração como em conquiſtá-lo, Reine entre dois eſpозos o amor , a honra , e as diligencias complacentes , eu reſpondo pelas doçuras da ſua união.

O vil intereſſe tem condemnado o amor dos matrimonios , e o tem deſterrado nas novellas , a termos tais , que ſe alguem ſente verdadeiramente amor , ao me-

110 CATECISMO

nos deve, temerozo do escandalo não fazer quando muito á sua espoza em publico, senão frouxas cortezanias, sobpena de ficar incurso no vituperio, e nas moças do grande mundo. Este sagrado nome de espozo, e de espoza está banido com rotulo, está desterrado, com a ternura, e os deveres, entre a gentálha.

Com tudo he huma especie de rapto hum cazamento contractado sem carinho, a pessoa não pertence, seguindo o instincto natural, senão áquelle que lhe possue o coração. Não se deveria receber os dons de Hyminêo senão das mãos do amor: adquiri-los de outra forte, he propriamente uzurpálos. Vinculo sagrado, tu és o despojo da força, e do interesse, assim como o ouro, e os sceptros!

He todavia justo que hum filho que ainda não he capaz de discernimento não seja livre para

ra se ligar por hum nõ indissolvel, sem autoridade de seus pais. Seria da parte destes, huma crueldade sedicioza prostitui-los a inconsideração, e a temeridade, sobre maneira ordinarias á sua idade, quando se trata de decidir, por meio de hum matrimonio da felicidade, ou desgraça da sua vida. Os seus tutores naturaes podem, sem elle se dever queixar, impedir que se obrigue a despozar, ou pôr nullo o seu contrato, se o julgarem indigno d'elle, ou precipitado. Bem entendido que lhe devem dar as mãos quando se conhece ser proporcionado.

59 O veneno da felicidade dos espozos he o ciume. Naõ obstante ha hum ciume que he companhia de hum amor activo, e delicado, e naõ he injurioso. Este he o temor de perder a afeição de quem se ama; porque se conhece o seu valor. Teme-se

se desagradar ao objecto amado; sem lhe suppor inconstancia: recea-se o seu desfallecimento: está-se porem certo da sua fidelidade. Esta suave apprehensão, he hum efficaz estimulo que desperta o amor, o faz activo, e preveniente: sem este socorro desfalleceria pela sua muita segurança.

6o Hum crime abominavel no matrimonio he o adulterio, que ao excesso da incontinencia, ajunta a injustiça, o perjurio, e a perfidia, e que as perversas galantarias não desculparaõ jamais. Se os commercios obscenos são interditos por ley entre as pessoas livres de qualquer obrigação, porque não he permittido defructar ainda o mesmo prazer se não em quanto a ley o permitte, e do modo que ella o permitte; as confianças impudicas exceptuando as do matrimonio, podem jamais ser permittidas?

Eu

tento fazer a satyra deste seculo, para gabar o dos nossos maiores; estou summamente persuadido de que em todas as idades se tem visto, com pouca differença a mesma somma de vicios, e de virtudes, e de que toda a differença tem sido unicamente nos modos, e nas diferentes misturas. Mas parece-me q̄ posso asseverar, que a depravaçãõ não tinha ainda engenhado systema mais destruidor das sociedades, que o que ella segue hoje. Talvez que em nenhum tempo fosse mais necessario

modo, reflectamos que o A. falla somente dos Celibatarios voluntarios que abraçãõ este estado para melhor fazerem dezaforado uso da liberdade depravada, como elle; o declara expressamente, dizendo, que sem mais nenhum motivo &c. cujas razões não concorrem, nem competem aos que por voto, e Sacrificio a Deos, se conservaõ neste estado, pois como diz S. Paulo, he o mais perfeito, quando nos podêmos conservar nelle com pureza. N. do Traductor.

cessario do que presentemente, restabelecer a ley que tornava infames os Celibatarios como inimigos dos costumes, e da Patria, para cuja ruina elles concorrem tanto quanto podem. O Egoismo, e o Celibato, dois flagellos, cuja aquisição tem o mundo suscitado nestes ultimos tempos, produzem durante a paz para o genero humano todos os malles com que he vexado no tempo da guerra. Ainda não estamos assaz levantados contra estes dois vicios monstruosos. Homens eloquentes, e virtuosos, eu não fallo aqui delles senão para excitar o vosso zêlo, e a vossa indignação! A vós pertence pintá-los com as cores, e debuxos que lhes convem; a vós he que compéte esmagá-los, se he possivel, e exterminá-los da superficie deste globo, cuja posse elles forcejaõ por adquirir.

III.

Do Amor Paternal.

61 Se o abuzo que o homem faz da sua razão não servisse algumas vezes para depravar o seu instincto, nada teríamos que dizer sobre esta materia. Os brutos não tem necessidade dos nossos Tratados de Moral, para aprenderem a amar seus filhos, para os alimentar, e ensinar. Se o homem estivesse neste ponto conforme aos outros animaes assim que o filho visse a luz do dia, sua mãe o principiaria a alimentar com o seu proprio leite, vigiaria sobre todas as suas precizoões, resguardá-lo-hia de todo o accidente, e nenhuns instantes da sua vida lhe parecerião mais bem preenchidos, do que aquelles que tivesse empregado nestas preciosas obrigaçoões. O pai,

pai, da sua parte, contribuiria para o aperfeiçoar; examinaria o seu gosto, a sua condição, e as suas inclinações, para fazer proveitosos os seus talentos, e dispô-lo desde a mais tenra idade para ser util aos seus compatriotas, naquelle estado para que mostrasse signaes de mais capacidade. Mas o poder do costume, a pezar da força do instincto, dispoem destas cousas totalmente de outra sorte. Tantos homens tem insistido de balde sobre estas duas obrigações indispensaveis, que eu não devo racionalmente esperar tirar mais fruto do que elles. Feliz eu, se a geração que começa, á qual só me dedico, se achar mais bem disposta!

O pai, e a mãy não estão de-zobrigados de seus filhos, por lhe haverem procurado o nascimento: em quanto estes tem necessidade da sua assistencia, ella
se

se lhes deve. Amar, governar, recompensar, e castigar, eis-aqui toda a obrigação de hum pai. O pai que não ama seus filhos he hum monstro. A natureza formou os pais para proveito dos filhos, porque estes ignorão os seus verdadeiros interesses, e não poderiam elles mesmos providencêar a sua felicidade, ou a sua faude.

Para hum pai governar bem a sua familia, tem dois objectos que satisfazer, hum de fazer reinar nella os costumes, a virtude, e a piedade; outro, de lhe separar os dezastrres, e a indigencia.

O poder de recompensar, e punir he o forte de todo o Governo. Convém ameaçar os rebeldes, puni-los. Deve-se animar com promessas o filho docil, e recompensá-lo. Os pais tem nas suas mãos os dois moveis do coração humano, a esperança, e o temor. Estes devêres pertencem
igual-

âgualmente a todos os que exercem a funçãõ de pai. Por tanto, as obrigações dos Mestres não são diferentes.

IV.

Do Amor Filial.

62 Os pais , e as mãys , cujos sentimentos correspondem ao ardente dezejo da natureza , são senhores meigos , e beneficos , a quem por consequencia seus filhos devem huma obediencia fundada em amor reverente. Esta submissãõ , ainda que indispensavel , deve ser voluntaria , e partir do coração. Não ha caso algum na vida em que os filhos se possaõ dispensar della. Os filhos são devedores de hum zêlo ardente áquelles de quem nascem , prevenir seus dezejos , e adoptar seus sentimentos. Mas esta uniaõ , este amor , esta concordia

110 C A T E C I S M O

cordia , são dons reservados só para familias virtuosas. Se os pais fossem cuidadosos em enriquecer seus filhos com esta preciosa herança , o Amor filial seria muito mais commum.

A idade causa mudanças nas obrigações de hum filho para seu pai. No tempo da sua infancia deve-lhe huma submissão sem limites : sendo então incapaz de examinar , nada tem que examinar. Na idade que se lhe segue á infancia , entre-vê os objectos , a sua razão se desenvolve , as advertencias respeitadas não lhe são então prohibidas , mas , se estas representações foraõ feitas sem fruto , não lhe fica outro nenhum partido que abraçar , se não o da obediencia. Quando chega por seu turno a ser homem , não deixa por essa causa de ser filho. Sempre deve a seu pai respeito , e acatamento , porem ja lhe não deve huma submissão cega ,

ga, he juiz competente do seu proprio proceder. Passa para baixo de hum novo imperio, e, em hum Estado Monarquico, he o Rey quem principia a ser seu pai. Estas obrigações dos filhos para seus pais, são devêres de rigor durante toda a vida dos vassallos para o Soberano. Que o Rey ordene, logo que a sua vontade he conhecida, devemos-nos calar, e obedecer. Foi tyrano, como não cessa de ser senhor, estejâmos-lhe sempre submittidos, ainda mesmo á custa dos nossos proprios interesses, porem nunca á custa da honra, e da virtude.

CAPITULO SEGUNDO.

Da Amizade.

63 A amizade he huma afeição • dezinteressada, fundada unicamente na estimação. Em quanto

to á energia deste sentimento não temos lições que dar. Seria tão absurdo quer ensinar os homens a amar, como querer ensinar-lhes a respirar. Huma, e outra cousa lhes he igualmente natural; ferá o gráo da sua sensibilidade, quem ha de regular a força da sua amizade. O que porem se lhes pode ensinar, he não amar sem conhecer, e não eleger amigos senão na classe dos homens de bem. Não he fomite a similitude de caracteres, e de costumes, quem faz firme a amizade, he tambem a integridade, e a pureza. Devemos pois distinguir bem os amigos das frequentes companhias. A conformidade de gosto para os prazeres forma as frequentes sociedades, porem só a virtude gera os amigos.

As victimas mais ordinarias das amizades simuladas, são indispensavelmente aquelles que menos o merecem ser. He raro que se
seja

Seja desconfiado quando se tem o coração candido, e mais raro ainda que não se seja enganado, quando não se he desconfiado.

Os morgados da amizade são a confiança, e a benevolencia. A bolça, e o coração devem estar abertos para hum amigo; não ha caso em que se lhe devão fechar. Nada arriscámos em igualar com nosco tanto no segredo, como nas riquezas, hum amigo escolhido com discernimento.

Nenhuma cousa devemos occultar a hum amigo, senão o segredo de outro amigo. Elle tem direito de ler no vosso coração. Revelar-lhe os vossos defeitos, não será imprudencia. Fazer-lhe a narração de cada huma das vossas qualidades louvaveis, não será orgulho. O bem que cada hum diz de si mesmo a hum amigo constante, he antes effusão do coração, do que jactancia, ou vaidade.

Duas

Duas cousas effenciaes ha na amizade, são a indulgencia, e os bons officios.

A amizade não se deve offender senão do que verdadeiramente a offende. Disfarçai ao vosso amigo todas as faltas em que o coração não tem parte. Huma negligencia, hum esquecimento, hum engano, huma subtiliza devem-se contar por nada. Não se pode fazer progresso na amizade, quando não se está disposto a perdoar reciprocamente milhares de defeitos de pouca conta, partilha inseparavel da nossa natureza. Desbaratar com hum amigo, fer-lhe deslial, ou ultrajá-lo, são os unicos crimes, que na amizade não sejaõ desculpaveis. Livrai-vos com tudo de aborrecer hum amigo perfido. Privai-o da vossa amizade; esta he toda a vingança que vos he licito ter contra elle. Elle não cessa de ser homem por vos haver offendido.

O.

Ora, não ha homem a quem vos seja permittido aborrecer.

Ainda que a amizade não seja interesseira, os cuidados officiosos lhe agradaõ; ainda mesmo he o seu alimento. Pode-se obrigar hum amigo de tantos modos, que alguns ha sempre praticaveis em qualquer circumstancia que nos vejâmos: fazei-vos senhor de todas as que o saõ. Sê-de solícito em conhecer as suas precizoões, e em lhe-dareis providencia antes delle as sentir. Receber de huma mão que nos he estimavel, não envilece, mas o favorecer he ainda mais lizonjeiro: affagai com tudo a delicadeza do vosso amigo. Querendo-o obrigar muito, talvez que vós o dezobrigareis; porque lhe porieis hum pêzo que o poderia desgostar de vós. Em geral, he precizo muita sagacidade para saber dar a proposito. Huma certa dadiva he hum ultraje pela maneira com que

que se faz. Pode ser que nada haja que demande mais delicadeza.

Finalmente, a prova mais rara que podeis dar da vossa amizade, he a sinceridade com o vosso amigo. Affoitaí-vos a lhe mostrareis a verdade de todo nua. Os vossos conselhos, as vossas exhortações, tudo em fim seja a expressãõ fiel dos vossos pensamentos, e dos vossos sentimentos.

CAPITULO TERCEIRO.

Da Humanidade.

64 Eu entendo por Humanidade, o proveito que os homens recebem da sorte dos seus semelhantes em geral, pela sã razãõ de que sãõ homens como elles, e sem lhes estarem unidos pelos vinculos do sangue, do amor, ou da amizade.

Nòs

Nòs considerâmos todos os homens como repartidos, em respeito a nòs, em diferentes classes, humas mais numerozas do que outras, e distribuímos nas diferentes ordens que ellas comprehendem diversos grãos de affecção que vão diminuindo continuamente, á medida que se perdem nas classes mais distantes. Eis-aqui a ordem destas classes, principiando pelas que nos são de maior apreço. Amigos, parentes, todos os homens que pensão como nòs, em pontos de Religião, os que exercem a nossa mesma profissão, os concidadaõs, os compatriotas, os habitantes de huma mesma região. A ultima que comprehende todas as outras, he a classe universal de todos os humanos; esta porem he, o mais frequentemente, contada por nada.

Amar os homens, tratá-los com bondade, em consideração da sua
sim-

simples qualidade de nomens ; eis-ahi a humanidade. Este sentimento gravado no coração abona outras virtudes sociaes , e lhas suppoem estampadas.

Este amor dos nossos semelhantes pode-se manifestar de dois modos , ou por effeitos reaes , ao que se chama *bondade* ; ou por signaes exteriores , ao que se chama *Cortezania*.

I

Da Bondade.

65 A bondade moral consiste em dois pontos ; o primeiro, *naõ fazer mal aos nossos semelhantes* : o segundo , *fazer-lhes bem*.

66 1. Naõ fazer a outro o que naõ dezejariamos que se nos fizesse , ja em outro lugar o dicemos : ahi temos a regra que determina que qualidades de tratamento nos prohibe a natureza a respeito dos outros homens.

Tudo

Tudo o que feito a nós mesmos, nos pareceria duro, barbaro, e cruel, está incluído na prohibição. Mas esta maxima de tão extenso uío, he muito restringida na applicação que se faz della. A maior parte dos homens se conduzem huns com os outros, como se estivessem persuadidos de que ella não devêsse ter lugar senão entre amigos, e de que se devêsse considerar como inimigos todos os que não estão ligados a nós por sentimentos; ou interesses; Cidadãos de huma mesma Cidade, vassallos de hum mesmo Principe, Sectarios de huma mesma Religião.

Se por motivo de Religião, houvessem homens, que racionalmente se lhes devesse ter odio, seriaõ quando muito aquelles que professassem claramente serem inimigos de Deos: os inimigos de ~~huma~~ Monarca são inimigos dos seus vassallos. Achar-se-ha porem

recebido, e seguido com applauzo este cruel sentimento, em qualquer Religiaõ que seja? Se alguns misturaõ na homenagem que rendem a Deos, praticas profânas, supersticiozas, ou culpaveis, reprovemos esta liga impura, mas livrêmos-nos de aborrecer os que a adoptaõ: naõ nos he permittido se naõ lastimá-los. A contumacia, o fanatismo, a barbarie, saõ sempre as unicas causas das perseguiçoẽs.

Quando a vossa paixãõ vos suscita qualquer violencia contra outro homem, lancai-lhe velosamente os olhos, para nelle ver a impressãõ da maõ divina, e a vossa propria similhança; isto deve ser bastante para amainar a vossa furia.

67 2. Quando somos officiozos, e beneficos para os nossos parentes, para os nossos amigos e para os nossos bemfeitores, temos para nos q
somos generozos, ainda que alem
dis-

disto sejamos ásperos, e indiffe-
rentes para os mais homens; e
nem ao menos fomos caritativos.
A *Generosidade*, he hum gráo de
perfeiçãõ, acima do que pres-
creve indispensavelmente a ley.
Executar para os nossos similhan-
tes o que precisamente ordena
a ley, não he ser generoso, he
simplesmente satisfazer nosso de-
vêr. Mas a Caridade, ou o que
he o mesmo, esta affeição geral
que devemos a todos os homens,
não he huma virtude de supre-
rogação: vós não fazeis mais do
que satisfazer ao que a humani-
dade vos determina. Hum neces-
sitado está vexado pela fome,
• não fareis mais do que pagar
huma divida, se aplacareis a sua
necessidade. E não choreis os soc-
corros que lhe prestais, ainda
quando fossem o valor dos vos-
sos suores, e de laboriozos tra-
balhos: não obstante custar-vos,
ainda a elle lhe custa mais; he
couza muito custoza recebê-lo a

titulo de esmóla.

Porque fatalidade succede que quanto mais se he favorecido dos bens da fortuna, menos se está disposto para ajudar os que estão privados delles? Os pobres tiraõ mais soccorros dos homens quasi taõ pobres como elles, do que dos ricos. Parece que não sejamos compadecidos senaõ para os malles que nós mesmos experimentamos, ou que ja experimentâmos. Com tudo, vêde que a occasiaõ de fazer bem he mais rara do que se cuida; o castigo de a não ter aproveitado he não a tornar ja a encontrar, e o uso que se faz della, deixa hum sentimento eterno de contentamento, ou de arrependimento. Os ricos que não são beneficos, são á maneira de Ciprestes que são copados, e altos, mas que não produzem fructos.

Escuzâmos-nos de fazer ~~com~~
debaixo do abjecto pretexto da
ingra-

ingratidaõ. He bem certo que o reconhecimento he huma obrigaçaõ: os antigos Persas tinhaõ constituido igualmente delle hum preceito solemne, e decretavaõ pênas contra os ingratos. Mas quaõ lindo he fazer bem! Naõ se fica assas pago com o prazer de ter executado huma boa açãõ? He todavia verdade que he conveniente dar com discernimento; mas sempre se faz bem dar, todas as vezes que a occasiaõ se apresenta. A caridade he a virtude cujos excessos saõ menos para temer, e saõ mais raros.

• Eu naõ posso resistir ao gosto de citar hum exemplo bem patetico do modo de fazer o bem. A debil homenagem querendo nestas caducas folhas, ao homem virtuozo que ma origina, deverhe-hia ser firmada no marmore, e no bronze. Naõ me deveraõ accusar de lizonja, porque, naõ
te-

tenho a honra de ter com elle alguma especie de relação, e por que a sua modestia está muito longe de suppôr que se cuide em dar a sua maneira de viver como hum modêlo de virtudes.

Mr. de * * * goza de huma fortuna mediana para huma pessoa de condição em Pariz, muito inferior certamente á que deveria ter para felicidade dos seus semelhantes, mas todavia sufficiente para quem se sabe contêr. Estimado dos seus amigos, respeitado de todos os que o conheciam, da mais facil, e suave communicação, de huma indulgencia illimitada para todas as pessoas, procurando em tudo a parte mais agradavel; não se lhe descobria outra falta senão a de se mostrar demasiadamente poupado, tendo attenção a o estado da sua fortuna. Alguns dos seus amigos se ouzavam em certos tempos a dar-lhe reprehensões, que elle

elle escutava com brandura, e de que não se justificava senão frouxamente. Poupava, dizia elle, para ao depois sustentar hum maior estado de casa; este era o seu gofio.

Depois de ter soffrido por espaço de dez, ou doze annos, com a mesma resignação, huma offensa tão sensível, produzida na sua reputação: hum particular de quem elle apênas tinha leve conhecimento, veio implorar o seu auxilio em conjunção deploravel de negocios.

Mr. de *** lhe empresta logo dez mil francos, sem cogitar em querer segurar o seu credito. Alguns dos seus amigos o informam de que o seu dinheiro estava perdido, porque este homem não tinha com que pagar. „ Por que eu mesmo sabia isso, respondo ingenuamente Mr. de *** „ que o soccorri. „ Esta resposta maravillhou os seus amigos que

o suppunhaó avarento , porem
naõ os dezenganou ainda inteiramente.

Passado algum tempo , Mr.
de *** fõí visitar huma Senhora
do seu conhecimento. Elle a
encontra chorando ; ouve a causa
da sua dôr desgraças inopinadas
a deixavaõ de todo ficar repentinamente
sem ter que comer, e aos seus dois
filhos. ,, Verdade he , senhora ,
que a situaçaõ em que vos achais
he lamentavel , lhe diz Mr. de ***
porem naõ he sem recurso. Ainda
tendes hum amigo , e este amigo
sou eu. A minha casa , e tudo o
que pessuo he vosso , disponde de
tudo a vosso gosto. Sobre modo
feliz ferei eu , se conseguir naõ
vos ficar razaõ alguma de sentir
tudo o que a fortuna vos arrebatou.
As minhas economias , ás quaes
se tem attribuido hum motivo
muito differente , naõ tem outro
designio senaõ o de me pôr em
esta.

estado de poder soccorrer promptamente os que tem necessidade ,, E sem permittir a esta senhora , dar-lhe nenhum modo de agradecimento , elle a conduzio com seus filhos , e a estabeleceu a senhora da sua casa. Naõ procure a malignidade interpretar a seu modo esta acção de generosidade ; em nenhuma occasião elle jamais foi , nem mais puro , nem mais dezinteressado. Mr. de *** ainda aqui naõ parou: Conseguiu tanto pelas suas diligencias que accommodou vantajosamente os dois filhos desta senhora. E como seguia sempre o seu systema de economia , ainda se achou em estado de ter huma carruagem para offerecer á sua amiga , cujos conhecimentos elle recebia em sua casa da mesma forte que ella o fazia antes da sua desgraça ; de maneira que ella conheceo somente que tinha mudado de casa , e naõ de fortu-

fortuna. Mr. de *** se occupa actualmente em pesquisar os meios de preservar a sua amiga de todos os acontecimentos, segurando-lhe huma commodidade que não a deixe dependente se não della mesma. E a sua bolça não está para esse fim fechada para nenhum daquelles a quem elle pode ser util.

Ahi temos pois com que homem está honrado este seculo. O genero humano não tem na verdade merecimento de contar muitos semelhantes a este, por que o Ceo he avarento delles. O proceder deste mortal virtuozo, não he por si fomento hum curso completo de moral, cem vezes mais eloquente que frivolas, e estereis dissertações da beneficencia, e da humanidade? Que deliciosas lagrimas tenho eu derramado na enarração destas acções generosas! Será possível a hereticos que a lerem quere-las imitar!

tar! eu deixo ao Leitor o prazer delle mesmo avaliar todo o proceder de Mr. ***, de reflectir sobre o animo que teve de se deixar culpar por espaço de tantos annos, de hum vicio abjecto, precisamente para exercitar com maior modestia a virtude contraria. Nesta relação termino o elogio que eu estimaria pagar ao homem de bem, cujo nome não pronuncio senão com respeito, e ternura; e poderia eu formar hum que fosse digno delle?

II.

Da Cortezania.

68 A Cortezania he a continuada attenção que incita inspira a humanidade a agradar a todo o mundo, e a ninguem offender. Hum homem que possuísse todas as virtudes sociaes, teria necessariamente a cortezania em soberano gráo.
Os

Os semfaborozos cumprimentos, as baixas complacencias, palavras, expressões affectadas, e reverencias, fazem o adulator fervil, e não o homem polido. Este genero de cortezania não he mais do que a imitação da verdadeira.

A Cortezania se divide, em trez ramos, a *Civilidade*, a *Complacencia*, e as *Decencias*, ou *Respeitos obzequiosos*.

Da Civilidade.

69 A Civilidade he hum ceã remonial de convenção, estabelecido entre os homens com o intuito de se darem huns aos outros demonstraçoẽs exteriores de amizade, de estimaçoã, e de consideraçoã. Este ceremonial he diferente nos differentes povos civilizados; porem todos tem hum, qualquer que seja.

A civilidade he a respeito dos homens o que o culto exterior he

he a respeito de Deos; hum testemunho publico dos nossos sentimentos interiores. O melhor modo, e o menos suspeitozo de testemunhar aos homens amizade, estimação, e consideração ferial favorecê-los, ou render-lhes bons officios, mas a occasião de os servir de hum ou de outro modo não se apresenta a cada instante. Logo fezse indispensavel concordar certos signaes, certas demonstraçoẽs pelas quaes se lhes pudesse verificar habitualmente que se amaõ, que se estimaõ, e que se veneraõ. Cada nação escolhêo os mais conformes á sua idéa, e ao seu gosto, porque, a maneira de chegar ás pessoas de diferentes estados, de os laudar, de os respeitar, os termos de que se deve usar discorrendo na sua presença, não são os mesmos em todos os casos, e variaõ differentemente.

Em vaõ os rusticos declamaõ
con-

contra a civilidade ; porque , como devemos ter amizade , benevolencia , e consideração para os nossos semelhantes , para que he fazer misterio de sentimentos tão justos , e tão indispensaveis ?

He verdade que ha mais homens civiz do que os que sejaõ fieis aos deveres da Sociedade ; mas a sua mesma civilidade ainda que falsa , he hum testemunho que elles prestaõ , ainda que a seu despeito , ás virtudes sociaes.

Se não se possue esta civilidade que se annuncia pelos modos cortezes , pode-se ter a que mostra o homem de bem , e o Cidadão. Em lugar de ser artificiozo para agradar , he sufficiente ser bom ; em lugar de ser falsario para lizonjear as fraquezas dos outros homens , he bastante ser indulgente.

A civilidade deve ser variada pelos diferentes sentimentos q a podem inspirar. Por tanto , a
Cor-

Cortezania dos Grandes deve ser de humanidade; a dos inferiores de reconhecimento; a dos iguaes de serviços mutuos, e de estimação. A estimação he mais adulaçõra do que a amizade, e do que o mesmo amor: ella captiva melhor os corações, e não fórma jamais ingratos.

Mas geralmente, a civilidade q̄ excita a honestidade de sentimentos, não se offende de distinguir á primeira vista os estados, e as graduacões, ella tem principio em respeitar todos os homens, e não se permite que affecte desprezo para ninguem, de qualquer condiçãõ que seja, se a pessoa he homem de bem. E que he mostrar desprezo a alguem? He fazer-lhe conhecer que não se lhe reconhecem boas, nem más qualidades.

70. O desprezo he huma chaga insupportavel para o coração humano. O habito não nos pode acostu-

acoftumar a elle ; e a virtude que algumas vezes pode fuffocar a dôr que ella causa , não pode defvanecer a lembrança delle. Qualquer poder , e qualquer autoridade que sobre nós se tenha , nunca julgamos q̄ haja direito de nos desprezarem.

Vòs desprezais a gentalha , e tendes razão , se os vossos desprezos não recahirem fenaõ sobre a fua incivilidade , sobre a fua ignorancia , e sobre a vileza dos feus sentimentos : em cada hum porem dos que compoem o vulgo , contemplai homens como vòs fois , amai-os por este titulo , e fupportai as fuas faltas. Sêde com efpecialidade indulgente para aquelles a quem a defventura abate : as voffas arrogancias , e as voffas afperezas , lhe faraõ ainda mais acerbo o sentimento das fuas defgraças. Hum defgraçado he huma coufa fagrada. Mas nesta mesma ^{claffe} tao humilde , quantos homens, fi-
mi-

milhantes ao diamante em bruto nada mais esperaõ do que huma maõ que os saiba trabalhar para terem hum luzimento eclipsante? Aquelle que vós desprezais, he talvez o diamante bruto que mereceria estar no vosso lugar. O mesmo digo a respeito dos servos, são homens; elles ja nesse estado são unicamente dignos de lastima por estarem reduzidos á escravidão. Quão baixa, e vil seria pois a exprobação de hum nascimento obscuro? ella não prova jamais q̃ a vileza de quem a faz.

** Os homens são iguaes, não he o nascimento, he somente a virtude quem os constitue differentes. **

Eis-ahi pois o que se tem repetido cem vezes, e sempre inutilmente. He preciso hum merecimento muito superior, muito estronduzo para attrahir por força a estimação, quando não se possue riquezas que se fação patentes, nem hum nome que allegar. O ouro, e o nasci
k men-

mento se tem feito senhores exclusivamente das preferencias, da estimaçãõ, e das attenções. Reparai com que desdem faustuoço se recebe o homem que não tem por si nenhuma cousa mais do que o seu merecimento modesto. De balde tentaria elle grangear para si, pelos seus sabios, e judiciozõs discursos, a attençãõ que se lhe deve; se elle falla, apênas he ouvido, e a altivez daquelles em cuja presença se acha, multiplicando a sua timidez, perturba-se, e mal articula huma fraze solta, e sem lhe dar tempo de tomar alento, interrompe-se, e se lhe volta as costas, e a fora disso he sentenciado irrevogavelmente, e sem appellaçãõ. Quem escreve estas regras, bem conhece que, longe de exagerar, he muito inferior ao retrato fiel do que se passa no mundo ácerca de hum homem obscuro, que não he assas desafortado para se fazer valer, e divulgar. Diz-se q̃ pobreza não he vicio;

cio; he muito peor ainda; porque não se foge o viciozo, e affasta-se muito cuidadamente do pobre. Nem ainda se tira informação de quem elle possa fer; muitas vezes toda a sua desgraça he não ser rico; isto he mais do que se necessita para nos parecer que temos jus para o humilhar. Se a honestidade do nosso coração nos permittisse fazer huma satyra, quantas passagens poderiamos citar para humilhar a nosso modo todos esses loucos Midas, todos os bellos discursistas em lugares communs, sobre a humanidade, a bondade, os respeitos, e de quem toda a virtude está em frases bem compassadas, e proferidas com hum tòm sobremaneira precioso, e affás pedantesco. São sepulcros gessados, em cujo interior he preciso desviarmos-nos de esquadrihar. Qualquer que não conhecer outra razão mais do que a de ser útil aos outros homens, tem grande precizaõ de saber, que fazer

o bem traz com siigo mesmo a sua recompensa, porque não tardaria em perder o animo á vista de procedimentos tão sediciozos. Mas venturozamente tem fatisfações incognitas que o compenſaõ amplamente, e o elevaõ muito acima dos que o desprezaõ. Ao mesmo tempo que he tão facil áquelle a quem distingue o nascimento, a elevaçãõ, ou a riqueza de se fazer amar, para que prefere elle o incomprehensivel prazer de se fazer detestar? A natureza, e a fortuna tem obrado tudo em seu favor; alguns signaes de bondade lhe vaõ attrahir todos os corações, e elle não se quer aproveitar das suas vantagens. He com tudo tão suave fer amado!

Da Complacencia.

71 A Complacencia he huma condescendencia honesta, pela qual dobramos a nossa vontade para

ra a pôr conforme á dos outros homens. Eu digo hũa condescendência honesta, porque ceder negligentemente á vontade de outro, não obstante criminoza, seria antes ser complice do que civil.

A complacencia consiste pois unicamente em não contrariar o gosto de quem quer que seja, em tudo o que he indifferente para os costumes, do mesmo modo auxilia-lo quanto he possível, e prever-lo quando se soube adivinhar. Se não he a mais excellente das virtudes, quando pouco he muito util, e muito agradavel na Sociedade. Tende hum caracter docil, e affavel, não seja vossa a vossa mesma vontade, fogeitai-a, accomodai-a ao gosto de todos os vossos amigos, viajai na frente de todos os seus dezejós, fatisfazei-lhos com bom modo, e facilidade, vós ferejs amado, e querido de todo o mundo.

Dos Respeitos obzequiosos.

72. *Respeitos obzequiosos* são attenções e considerações fundadas sobre as circumstancias, ou sobre o genio, ou a qualidade das pessoas. Por exemplo. Não satyrizeis na presença de hum togado os homens peritos nas leys, especialmente se a sua probidade o resalva de vituperio; e quando o merecesse, não esqueçamos que a verdade tem suas nudezas offensivas, que algumas vezes convêm conservar cobertas. Estais diante de hum Grande, aquem cada hum se affadiga para respeitar; conformai-vos ao uso, venerai-o como os outros; não o louveis, se elle o não merece, mas, não lhe recuzeis huma homenagem muda. A subordinaçãõ, tão necessaria para a policia de hum Estado, seria muito depressa destruida, se o povo, ao menos em publico, não venerasse

se jamais os grandes se não á proporção do que elles valem. Não affecteis semblante alegre na presença de hum afflicto que chora os seus dezaftres, ou as suas perdas; isto seria insultar a sua dor.

He preciso alguma sorte de talento, ou ao menos de juizo, para ser capaz de considerações. O uso do mundo pode fazer hum homem civil; a bondade do seu coração pode-o constituir cortez; mas hum nescio será sempre novo na sciencia dos respeitos; de outra maneira as decencias, ou os decóros.

73 Estimavel mocidade, eis-aqui a que se reduzem os principios das virtudes, e dos devêres que vós deveis praticar, e que eu tive o gosto de recolher, e de ajuntar para vós. Podereis vós encontrar nelles encantos, e poderaõ elles produzir fruto nos vossos corações! aos mais deixo os seus espectaculos, os seus divertimentos
fri-

frivolos, as suas loucuras; são enfermidades sem nenhuma esperança. Porem vós, a innocencia he a vossa partilha, he a vós que eu me tenho ligado; consenti que eu seja vossa guia; eu não vos quero conduzir senão por verêdas matizadas de flores, e assim para minha recompensa, como para me obrigar a continuar, nada mais vos peço do que hum sorrizo que me dê signaes de que as minhas lições vos são agradaveis, e uteis.

F I M.

INDICE

Prefacio		pag. v
Noçoës Preliminares	I	
Num.		pag.
I.		
<i>Do homem, e das suas facul-</i>		
<i>dades N. 1.</i>		pag. 2
<i>Do Entendimento N. 2</i>		3
<i>Da verdade, e do Erro N. 3.</i>		3
<i>Da vontade N. 4.</i>		4
<i>Da Felicidade N. 5.</i>		4
<i>Da Liberdade N. 6.</i>		4
<i>Definiçoës dos costumes, e da</i>		
<i>Moral 7.</i>		6
<i>Da Razaõ 8.</i>		7
<i>O que he ley, e obrigaçoës ? 9.</i>		8
<i>Quantas sortes de obrigaçoës? 10.</i>		9
<i>Quantas especies de leys? O</i>		
<i>que he crime, falta, Pro-</i>		
<i>bidade, Virtude, Justiça,</i>		
<i>Equidade. 11.</i>		10
		O que

<i>O que he Jurisprudencia, e o Direito? N. 12.</i>	pag. 13
<i>O que he Consciencia, e Re- morfos? 13.</i>	15
II.	

<i>Divizaõ, e Fundamento da Moral 14.</i>	17
<i>Differença entre a Moral da Razaõ, e a Moral da Religiãõ 15.</i>	17
<i>De que principio deduz a Mo- ral os deveres do Homem 16.</i>	18
<i>Differença do Amor proprio, e do Amor de si 17.</i>	19



PRIMEIRA PARTE.

Moral da Razaõ.

<i>Divizaõ da Moral da Razaõ 18</i>	24
<i>Dos differentes estados do Homem 19.</i>	24

ARTIGO PRIMEIRO

<i>Dos Deveres do Homem rela- tivamente a si mesmo</i> 20.	29
<i>Do cuidado do seu corpo</i> 21.	29
<i>Do cuidado da sua Alma</i> 22.	30
<i>Cultura do Espirito, e conhe- cimentos</i> 23	31
<i>Do que forma o Coração, Diferença da Virtude, e do bom Natural</i> 24	33

CAPITULO PRIMEIRO

N. pag.

<i>Da Sabedoria</i> 25	35
I.	
<i>Da Circunspecção nos Senti- mentos</i> 26	36
<i>Do Orgulho, e da Modestia</i> 27	37
<i>Dos Appetites Corporaes, Di- gressão sobre as Paixões</i> 28	39
<i>Da Avareza, da Prodigali- dade, e da Economia, do</i>	
	Jogo

Fogo 29	43
Da Ambição, de quantas sortes?	
Das Honras, e da Gloria 30	48

II

Da Circunspecção nas Pala- vras 31	55
Da Maledicencia, e da Ca- lumnia, da Indulgencia 32	56
Da Zombaria 33	61
Da Indiscrição, e da curio- zidade 34	65
Dos Discursos livres; da Dis- simulação da Lisonja 35	67
Da Mentira, e Boa Fè 36	68

III

Da Circunspecção nas Acções 37	74
Dos bons Exemplos, da Hy- pocrizia do Escandalo 38	75
Da Honestidade publica 39	79

CAPITULO SEGUNDO

	Num.	pag.
<i>Da Fortaleza , ou Virtude ; dos deveres que ella pres- creve</i>	40	80

I

<i>Da Paciencia , e dos males naturaes</i>	41	81
<i>Digressãõ sobre o prazer , e a Pêna</i>	42	82
<i>Dos Castigos , e das Perse- guições</i>	43	85

II

<i>Do Animo</i>	44	87
<i>Da Grandeza da Alma</i>	45	87
<i>Do Desinterêsse</i>	46	88
<i>Necessidade do Trabalho</i>	47	89
<i>Da Emulaçãõ , e da Inveja</i>	48	91
<i>Do Heroismo</i>	49	92
<i>Da Firmeza , e da Contumacia</i>	50	92
<i>Da Intrepidez</i>	51	94
<i>Do Valor</i>	52	95
		Do

<i>Do Desprezo da vida, e do Suicidio</i>	53	95
<i>Do Dezasio, da Vingança</i>	54	97

ARTIGO SEGUNDO.

<i>Dos Deveres do Homem a respeito dos outros Homens</i>	55	99
--	----	----

CAPITULO PRIMEIRO.

<i>Do Amor</i>	56	101
----------------	----	-----

I.

<i>Do Amor da Patria; necessidade de abraçar hum Estado</i>	57	103
---	----	-----

II.

<i>Do Amor Conjugal, ou do Matrimonio</i>	58	108
<i>Do Ciume</i>	59	111
<i>Do Adulterio, do Celibato</i>	60	112

III

III.

Do Amor Paternal 61 116

IV.

Do Amor Filial 62 119

CAPITULO SEGUNDO.

*Da Amizade , e das suas
obrigações* 63 121

CAPITULO TERCEIRO.

Da Humanidade 64 126

I.

Da Bondade 65 128

Naõ fazer mal 66 128

*Da Beneficencia , da Genero-
sidade , da Caridade ; Exem-
plo da maneira de fazer o
bem* 67 130
II.

II

<i>Da Cortezania</i> 68	139
<i>Da Civilidade</i> 69	140
<i>Do Desprezo</i> 70	143
<i>Da Complacencia</i> 71	148
<i>Dos Respeitos obzequiosos</i> 72	150
<i>Concluzão</i> 73.	151.





